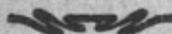


REVISTA DO ENSINO

N.º 207

ANO XXVII



SECRETARIA DÁ EDUCAÇÃO
ESTADO DE MINAS GERAIS — BRASIL

1957

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

REDAÇÃO — *Um Novo Impulso ao Ensino em Minas* — CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS — *Discurso do Prof. Mário Casassanta* — COLABORAÇÃO — *Um Discurso Cheio de Ensinamentos* — Prof. Levindo Lambert — *Iniciada a Campanha Nacional Contra o Bócio Endêmico* — Dr. Henrique Furtado Portugal — *Educação e Educadores*, Benjamin Ramos César — *Orientação Vocacional*, Dr. Guilherme Furtado — *A Língua dos Índios Brasileiros e a Catequese dos Jesuítas*, Salvador Pires Pontes — *Sinfonia das Raças (DRAMATIZAÇÃO)*, Professora Críia Monteiro Pinheiro — *Psicologia Aplicada (TRANSCRIÇÃO)*, Professor Pierre Weil — *Atividades Visando ao Desenvolvimento da Atenção e Demais Funções Superiores*, SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E FISCALIZAÇÃO DO ENSINO — *E Dizem que Isso é Ensino (Nota Avulsa)* — *Realizações Escolares, UMA EXPERIÊNCIA COM O MÉTODO DE PROJETOS.*

NOVO IMPULSO AO ENSINO EM MINAS

O ano de 1957 inicia-se com perspectivas mais amplas e mais promissoras para a instrução pública em Minas.

Um movimento revigorador agita o ambiente da nossa política educacional e prenuncia modificações notáveis em profundidade e extensão, nesse setor.

Acontecimentos animadores permitem otimismo justos e esperanças procedentes a todos que acompanham, com interesse e patriotismo, a marcha segura das iniciativas sinceras de notáveis estadistas mineiros, um, no Ministério da Educação, para onde levou a severa experiência dos negócios públicos adquirida na governança do nosso Estado, num dos períodos que mais exigiram dos que governam o maior e mais legítimo senso de equilíbrio — o Dr. Clóvis Salgado — o outro, o Dr. Abgar Renault, na Pasta também da Educação, à qual, não é a primeira nem a segunda vez que empresta o fulgor da sua cultura, o brilho da sua inteligência e, sobretudo, o zelo da sua personalidade independente e rija da sua operosidade incansável e eficiente.

A recente inauguração do Centro Regional de Pesquisas Educacionais; a mobilização dos inspetores regionais do ensino para um curso intensivo de aperfeiçoamento sobre os mais modernos métodos de inspeção e assistência técnica do ensino; as alterações nos quadros da alta administração das cousas da educação, com o objetivo de melhor aparelhá-las para um perfeito desempenho das responsabilidades culturais da Administração; o empenho desta em não permitir e nem atender interferências que possam perturbar os objetivos gerais da política educacional que se traçou, — eis os prenúncios que permitem aguardar-se uma nova era de fé, de energia, de trabalho coordenado, de entusiasmo e de confiança nos novos rumos da educação em nosso Estado.

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em colaboração com a Secretaria de Educação, criou em Minas, como já é do conhecimento de todo o professorado, o Centro Regional de Pesquisas Educacionais, abrindo um novo ciclo no progresso do ensino.

Na sessão solene de instalação do Centro o seu Diretor, Professor Mário Casassanta, pronunciou o seguinte discurso, constituindo substancial pronunciamiento sobre a realidade do ensino em Minas, que reflete e dá retêlo à realidade do ensino no Brasil:

Considerando com olhos plácidos o panorama da educação nacional, não pode haver um brasileiro de bom senso que profundamente não se aflija, quer pela desproporção entre os nossos esforços e a gravidade do problema, quer pela maneira pouco razoável em que comumente se desenvolvem êsses esforços.

Não fazemos tudo o que deveríamos fazer, e o que fazemos nem sempre obedece a linhas de um plano que assegure eficiência.

Em primeiro lugar, a importância do problema. Haverá por ventura algum que o sobreleve? A preparação de homens capazes foi sempre a marca dos verdadeiros estadistas, porque não há nação que possa encargar, com tranqüilidade, o seu futuro, se não cuidar, como deve, de se aparelhar para as lutas inevitáveis que a aguardam no áspero itinerário humano. Essa necessidade de uma preparação idônea sobe de ponto, quando se pondera que êsse povo, como o nosso, transpõe uma fase de excepcional desenvolvimento econômico. O Brasil cresce espantosamente e a cada hora se observa que as suas instituições e os seus serviços não acompanham o seu crescimento. Como o adolescente, que mal se avém com a roupa, sente a inquietação e o desconforto das estreitez, nutrido ideais de uma situação melhor, experimentamos, neste momento, o travô dos desajustes e a agitação de quem quer

reajustar-se. Aventam-se soluções, criam-se serviços, buscam-se novos caminhos. Que vantagem, porém, acarretarão tais iniciativas, por mais aconselháveis que sejam, se não dispusermos do material humano necessário? Que valem mais uma instituição, mais um colégio, mais uma faculdade ou uma universidade, se não tivermos professores que lhes imprimam a essência de uma escola? Certas iniciativas, por mais sedutoras que sejam as aparências de que se revestam, não compensam o sacrifício que custam, já que a carência de gente capaz acaba por inutilizá-las. É preferível, como o velho Brasil, ter apenas dois cursos jurídicos, que nos deram juristas da excelência de um Rui Barbosa, de um Lafaiete ou de um Teixeira de Freitas, a tê-los por tôda parte, sem a força de formar juristas que lhes recolham a herança, como desgraçadamente está acontecendo.

O que se passa no ensino superior é realmente alarmante, pois é evidente que não é a quantidade de escolas, senão a qualidade delas, que nos pode proporcionar o tipo de homens de que necessitamos. O ensino superior supõe, como os elementos da palavra o estão dizendo, uma atividade superior, a saber, acima das outras, e, por isso mesmo, postula inteligências superiores. Pouco importa que os portadores de inteligência dessa ordem venham desta ou daquela camada social. O essencial é que sejam devidamente e acabadamente aproveitados, porque a inteligência não nos parece matéria-prima tão numerosa e tão vulgar que possamos dar-nos ao luxo de perder uma só.

Disponos de um sistema de ensino superior não pequeno, e, todavia, milhares de alunos disputam o acesso a êle, como se tanta gente fôsse capaz dêsse tipo de estudo e de cultura. Ensino superior — insistimos — demanda uma alta qualidade de espírito, e, o que é mais, subentende um poder de esforço, de renúncia, de consistência e de sacrifício que se nos afiguram mais raros ainda que os dons de espírito.

Não é de admirar, por isso, que um aparelhamento caro, como é o nosso sistema de ensino superior, não corresponda ao dinheiro que nos custa, visto que, por sua organização, por seu funcionamento, pelo elemento humano que lhe deve dar vida, não tem formado os homens de que carecemos e de que precisamos.

Pelo que toca ao ensino secundário, evidentemente não vamos melhor. Governo e povo, pais e professores, técnicos e leigos não se satisfazem com o sistema atual. A deficiente formação de professores, o número de matérias, a sobrecarga dos programas, o diminuto horário escolar, a falta de estudo dirigido que contrabalance as deficiências do estudo em casa, o preço dos livros que não anima o gôsto da leitura, de si já escasso, a impossibilidade de se oferecer a todos o ensino público, e, conseqüentemente, a

proliferação da indústria particular do ensino, e outros fatores que não vem para aqui especificar, levaram-nos a um estado de barbárida e ineficiência que nos estarrece. Os próprios estabelecimentos de ensino a cargo de ordens religiosas, que, pelos altos ideais que os animam, deveriam encarar o problema com outros olhos, se escapam por vezes ao mercenarismo dominante, perdem em noção de simpatia humana, devotamento e sacrifício. Se se lhes depara um caso de aluno, já não dizemos difícil, mas com a inquietação natural da idade, apressam-se em afastá-lo, forçando-o, direta ou obliquamente, a uma transferência. Justamente revoltado, desabafa conosco, há tempos, um preclaro professor e excelente cristão: — Esses alunos não querem aborrecimento, e, por isso, só toleram meninos comportados. Não se preocupam com a educação: querem meninos já educados.

Criando as Faculdades de Filosofia, quiseram os nossos homens públicos atacar o cerne do problema, porque os bons professores preencheriam boa parte das lacunas. A medida, porém, não tem produzido os frutos de dela se esperavam. De um lado, as faculdades são poucas, e acrescentemos que nem poderão ser mais numerosas, à falta de professores que as componham. De outro lado, aquelas mesmas que existem nem sempre podem formar bons professores. Ao cabo, achando-se o ensino secundário na sua maioria entregue a particulares, os salários diminutos não são de molde a atrair as melhores vocações.

A decadência é visível, se se coteja com o que produziam os nossos antigos colégios, sem o aparelhamento nem a pompa dos atuais. Não vai aqui saudosismo, mas verdade. Os poucos estabelecimentos, que nos seriam, prepararam homens que viveram superiormente a vida. Onde estudaram um Rui, um Osvaldo Cruz, um Rio Branco, um Joaquim Nabuco ou um Euclides da Cunha? De Lafaiete Rodrigues Ferreira sabemos que aprendeu a sua opulenta latinitude com o vigário de Prados...

Dir-se-á que o quadro não é bem esse, pois Raul Pompéia immortalizou, no "O ATENEU", a imagem de um dos melhores colégios do seu tempo, e a sua obra vale por um libelo. Dir-se-á mal. O colégio de Abílio César Borges seria, ainda hoje, um grande colégio, e prouvera a Deus que os tivéssemos da mesma espécie. De resto, não foi o notável escritor um desmentido de sua própria tese? Na verdade, quem, nos deztoito anos, escrevia CANÇÕES SEM METRO, e nos vinte e cinco anos, uma obra-prima — não tinha absolutamente o direito de censurar a escola e os mestres que o instruíram.

Diante da ineficiência indistigável escusam-se os que cuidam do ensino secundário com lançar a culpa ao ensino primário.

— Os alunos vêm sem base primária...

Aqui devemos articular o nosso *alto lá!* Da ineficiência geral a única escola que se exceleta, porque de algum modo tem preenchido os seus objetivos, tem sido sempre a primária. Qual, com efeito, o seu programa? Transmitir as experiências fundamentais da espécie, ensinar um mínimo essencial, dotar o homem dos instrumentos primários de desenvolvimento, que por muito tempo se reduziram a ler, escrever e contar, e isso tem-no ela feito, ontem como hoje, não raro com extraordinária eficiência.

Além disso, cumpre acentuar que a escola primária tem um fim em si e não se destina a preparar alunos para o curso secundário. É a escola de tôlas as crianças de todo o povo, e, particularmente, a única escola do pobre. Como já se disse e Lem, ela "no play favorites". Tentar deformá-la em detrimento do povo para benefício de classes representa uma enormidade que de modo algum se deve admitir.

O mais que se pode fazer será ampliá-la, ou aumentando-lhe os cursos, como avisadamente se cogita no domínio federal, e o preclaro Ministro Clóvis Salgado o tem reiterado, e esse será o seu maior título de glória, ou primarizando os primeiros anos do curso secundário, sob a imediata e severa inspeção do Governo.

Adapte-se o curso secundário ao primário e não o primário ao secundário — é o que nos parece, nas atuais circunstâncias, mais aconselhável e mais executível, desde que se tome a cautela de evitar que os industriais do ensino não façam da escola primária o que fizeram da secundária.

O que, mais do que tudo, nos revolta é atribuir-se ao professor primário brasileiro a responsabilidade de uma culpa que de todo em todo não lhe cabe, porque em nenhum outro setor de nossa vida pública se encontrará nunca maior soma de esforço, maior devotamento, mais capacidade de sacrifícios, mais cáldio e ingénuo amor ao Brasil.

Depois de longo afastamento dessa nobre família humana, voltamos a conviver com ela, e, pensando que ela também sofrera a sorte do declínio geral, experimentamos a surpresa de verificar que as nossas professoras conservam, em boa parte, a alta noção de suas responsabilidades, dando mais horas do que se lhes pedem e praticando um constante esforço de ascensão.

Mais, ainda, e, enfim, chegamos ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais.

Encetando os nossos trabalhos há alguns meses, demos preferência ao setor da linguagem, não só porque constituiu a ocupação e a preocupação de uma vida, mas principalmente porque, revestindo-se da maior importância, tem sido dos pontos fracos que ordinariamente se verberam em nossa educação.

Para isso, convocamos as orientadoras do ensino primário da Capital e pedimos-lhes que nos obtivessem dos seus grupos composições de tódas as séries acerca de alguns temas comuns.

Era nosso objetivo, que está sendo pacientemente prosseguido, determinar quais as palavras de maior uso, qual a evolução da estrutura das orações, quais os erros mais frequentes.

Reservamo-nos para nós próprios o levantamento dos erros mais frequentes, e a nossa surpresa foi tão grande que algumas vezes duvidamos da autenticidade de trabalhos bem autênticos.

Basta assinalar este fato que pode ser facilmente provado, em razão de fundar-se em documentos: como lecionamos na Universidade e liamos contemporaneamente provas de universitários e composições de crianças, pudemos verificar que não foram poucos os casos em que crianças de 10 e 11 anos se equiparavam, se não levavam vantagem, a alunos de cursos superiores.

Que prova isso ?

Prova que, falando, lendo e escrevendo bastantemente na escola primária, os alunos adquirem algum domínio da lingua, e, em especial, que, deixando de ler e escrever durante o curso secundário, em que por vezes as únicas composições são as provas de exames, tais alunos, não só não progrediram, mas ainda perderam o que aprenderam. Para se avaliar a pouca ou nenhuma leitura no curso secundário, em confronto com o que se lê no primário, não será preciso mais do que entrar numa livraria e comparar a bibliografia nacional destinada às crianças, que é ponderável, com a destinada aos adolescentes, que é quase nula.

Pois bem.

Essa escola primária, que de algum modo tem feito o seu officio, e isso se deve em boa parte ao fato de ser a escola de um só professor, sem a especialização dos cursos secundário e superior, — essa modesta e profícua escola primária está a merecer da parte de nossos homens públicos mais detida atenção, porque atravessa manifestamente um momento critico.

A população cresce e, com ela, a população escolar. As dificuldades orçamentárias e uma desarrozoada distribuição de recursos fazem com que não tenhamos escolas públicas suficientes. As consequências não podem ser piores. De um lado, há o problema das crianças sem escola primária, o que é imperdoável. De outro lado, precisamente para preencher essa lacuna, esboça-se a tendência da criação de escolas particulares, e isso significa, como já succede na Capital da República, que começamos a perder uma conquista que havíamos alcançado há muito tempo — a escola única —, que constitui ainda um ideal para grandes povos.

Não negamos a vantagem nem o direito dessas iniciativas particulares, que podem representar até experiências preciosas

e renovadoras, mas queremos acentuar o que significa para um povo a existência de uma escola comum, em que desde cedo a criança se acotovele com os seus patricios de tódas as procedências sociais e de todos os matizes étnicos.

Limita-mo-nos a lembrar um pequeno episódio, em que fomos parte, por volta de 1929, porque dá a medida de uma civilização. Acompanhá-vamos uma professora universitária norte-americana numa visita ao Grupo Dom Pedro II, desta Capital, quando, entrando numa sala, depois de observar por alguns segundos a classe, ela, com o caderninho de notas em punho, indagou:

— Quais as atividades dos pais dessas crianças ?

Apanhamos de pronto o que lhe passava pelo espirito. A classe constava de alunos de tódas as procedências, de tódas as situações e de tódas as côres. Era um genuíno pedaço do Brasil verdadeiro que ali se nos antolhava. Pobres, remediados, ricos, brancos, mulatos e pretos, sadios ou doentes...

Fomos indagando da professora da classe a situação social dos pais e informando a visitante.

- Comerciante.
- Farmacêutico.
- Lavadeira.
- Funcionário.
- Padeiro.
- Secretário das Finanças.

Não continuamos. Puxando-nos pelo braço e levando-nos para a janela, a fim de esconder a emoção, a visitante nos falou baixinho, com os olhos cheios de lágrimas:

— Democracia !

Pois essa escola, que foi e é uma conquista, corre perigo no País, se os homens públicos não acudirem por ela, porque, no ritmo em que vamos, pode o ensino particular sobrepujá-la, como acontece na própria Capital Federal.

Muitas e várias as forças que a diminuem, salientando-se a falta de hierarquização das necessidades educacionais. Nunca se gastou tanto nem tão mal com o serviço do ensino. E que se desviem do problema essencial, que é a escola, e, particularmente, a escola primária, recursos para problemas sem dúvida importantes, mas, dentro de nossas condições secundárias.

Pedem-se, por exemplo, cursos pré-primários e um 5.º ano primário. Quem poderá contestar a evidente utilidade de tais medidas ? O que se deve, porém, primordialmente considerar é se o Estado já cumpre o seu dever número um, que é o de proporcionar escolas suficientes para a população escolar.

Impõe-se-nos, por isso, poupar os nossos recursos, e não espalhá-los, oferecendo em primeiro lugar oportunidades educativas para todos.

A esse problema — claro está — prende-se diretamente a formação de professores, pois o Estado não só deve criar escolas em número suficiente, mas — o que muito importa — escolas boas. Para tanto, deve esmerar-se no treino dos mestres futuros, o que os norte-americanos bem condensam na expressão *preservice education*: é o nosso ensino normal, cujas deficiências os nossos inspetores regionais de ensino assinalaram unanimemente durante três semanas de estudos e debates.

Criadas as escolas e bem providas de professores, é necessário um outro tipo de instituições que mantenham em nível elevado de cultura e eficiência o pessoal em exercício, e é o que os norte-americanos chamam *in-service training*. Tivemos por alguns anos a Escola de Aperfeiçoamento, com esse objetivo, e a sua extinção acarretou consequências lamentáveis. Procurou atenuá-las o Prof. Algar Renault, em 1947, com os cursos de férias, instituição evidentemente útil, mas incapaz só por si de realizar o trabalho de um serviço permanente.

Essa é a ordem natural das coisas: se se podem enfrentar todos os problemas a um tempo, pré-primário, primário, profissional, normal, secundário, superior, enfrentem-se, já que todos são necessários. Se não se puder, porém, dispunham-se essas necessidades de acordo com a sua importância, pois há necessidades e necessidades.

Essa — convém lembrar — tem sido a lição dos melhores homens públicos de Minas. João Pinheiro, — um universitário — voltou-se quase que exclusivamente para a escola popular. Afonso Pena — um suscitador de valores — criando a Faculdade de Direito, quando Governador do Estado, fez timbre de lhe dar o cunho de uma instituição privada, preferindo recorrer a uma subscrição pública a onerar os cofres estaduais. E Antônio Carlos se criou a Universidade de Minas, concedeu-lhe um patrimônio que lhe permitisse viver como instituição particular, e, de qualquer modo, o esforço que desenvolveu para a reorganização de nosso ensino normal e primário, notavelmente cometida a um espírito das singulares dimensões de um Francisco Campos, bem comprova o conceito em que tinha a responsabilidade educacional do Estado.

Essa orientação genuinamente mineira, V. Excia. a tem adotado, Sr. Governador Bias Fortes, com a perfeita compreensão que sempre revelou dos ideais e das necessidades do nosso povo. Bastaria, para medir-lhe os propósitos, a particularidade de haver escolhido para seu Secretário de Educação o Prof. Abgar Renault: trata-se de um problema que realmente exige um homem ilustre, e esse o é na amplitude do termo. Numa fase como esta, em que

os partidos se desdobram em reivindicações, na explicável preocupação de predomínio, o Secretário de Educação, que é leal à sua corrente, como lhe é da índole, mais leal ainda se lhe mostra, não se esquecendo de que há problemas, que não podem ser partidários, e que os da Educação pertencem a essa espécie superior. Essa compreensão honra um Partido.

O interesse que V. Excia. sente e demonstra pela educação pública mais uma vez se testemunha com a sua presença na inauguração de Centro Regional de Pesquisas Educacionais. Podemos dar o nosso depoimento de que tal interesse não surge agora. Há perto de trinta anos, no governo de Antônio Carlos, de que ambos participávamos, lembra-nos ter-lhe ouvido algumas vezes referir-se à reforma do ensino que se intentava:

— Casassanta, tenho afirmado que é preciso emendar a Constituição mineira, para se determinar que não se reformará o ensino, dentro de certo período, tão importante reputo o que se está fazendo. O preceito constitucional não impedirá que se desmanche o que se faz, mas sempre dificultará um pouco.

Fica-lhe bem essa atitude, caro Governador, e hoje mais do que nunca, porque os Bias devem querer bem a uma comunhão humana que, por duas vezes, os convocou para presidir os seus destinos.

Se a escola primária merece a primazia do nosso zelo e de nosso esforço, a ponto de se deverem postergar outros aspectos da questão educacional, úteis mas laterais, — como se explica a instalação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais que ora se efetua, merecê do convênio do Governo de Minas com o Ministério da Educação? Não será esse um daqueles problemas laterais que, vivíamos assinalando?

Com a mão na consciência, achamos que não.

Uma escola, que mereça o nome de escola, não pode ser uma imitação, mas uma criação de todos os dias. Não basta, para criá-la, que se construam casas, se treinem professores ou se copiem sistemas de ensino. É necessário que se faça sol medida para um dado meio, como a roupa que se talha para um dado corpo. Para isso, impõem-se o estudo da criança, o estudo do meio físico e social em que ela vive, o estudo das exigências sociais, atuais e futuras, a elaboração de processos adequados de ensino. Em suma: não se compreende uma boa escola desvinculada do lugar, mas sim a ele presa por muitas raízes. Nesse sentido, não se pode dispensar um contínuo e inteligente esforço de captação de dados e de renovação de métodos. Dos milhares de vocábulos da língua, arrecadados nos dicionários, que em boa parte são cemitérios de palavras, quais os que merecem preferência na escola? Se se mede com testes, quase matemática-

mente, a possibilidade caligráfica de uma criança ou a sua capacidade de cálculo mental, por que teimar em aperfeiçoá-la, mediante exercícios, quando ela já tem alcançado o nível próprio de sua idade e de seu poder? Se é absurdo exigir-se de uma criança o transporte de um peso superior às suas forças, como não será absurdo exigir-se dela uma informação ou uma habilidade superior à sua capacidade? Se é certo que uma pessoa pode decorar mil nomes próprios, que há de fazer se se lhe pedem cinco mil nomes próprios?

Fazer que a escola explore, interprete e explique um dado meio, para que a criança compreenda e domine esse meio — é o objetivo do Centro de Pesquisas — que Anísio Teixeira, com a sua aguda visão dos nossos problemas e a sua grande paixão de educador, idealizou e vem instalando, com o amparo de homens públicos esclarecidos, como se patentearam no Ministério dois ilustres concidadãos aqui presentes, Professores Abgar Renault e Clóvis Salgado, a cuja devoção a Minas devemos a instalação deste Centro.

Há bem pouco tempo principiamos esse trabalho de raízes, que é, por isso mesmo, lento e obscuro. A experiência tem-nos ensinado muita coisa. Errando aqui, acertando ali, alcançamos já, em várias pesquisas, o verdadeiro rumo que só penosamente costuma manifestar-se.

A par dessas pesquisas, que por enquanto se circunscrevem à linguagem, pretendemos iniciar outras, como a influência da leitura na personalidade e na vida infantil, a ponderação das necessidades sociais para uma reelaboração de programas, a arrecadação de espécies folclóricas em vias de extinção, e nesse caso está, por exemplo, como brincam as crianças mineiras.

Começamos igualmente o Museu de Leitura, mediante o qual visamos a demonstrar como foi trabalhosa a marcha da humanidade na direção de uma solução científica.

Não nos contentaremos, todavia, com esse esforço, precioso sim, mas de efeitos demorados.

Antes do programa do Governo do Estado, de quem nos consideramos órgão ao mesmo tempo que do Governo Federal, esforçamo-nos para cooperar com ele, na realização de ideais e objetivos imediatos, e, com esse propósito, por determinação do Sr. Secretário da Educação, planejamos o primeiro curso especializado de inspeção escolar no País, curso esse de vantagens incontáveis, que precisamente hoje estamos encerrando.

Delimitamos um programa, que foi aprimorado pela Secretaria da Educação, juntamos uma boa bibliografia, convidamos alguns professores de boa vontade que se dispuseram a estudar matéria nova, e o realizamos, com a maior solicitude.

Durante o curso, funcionários da Secretaria da Educação e do Centro de Pesquisas trabalharam ombro a ombro, em pé de igualdade, numa alta expressão de cooperação.

Dentro em breve, outros cursos se sucederão, restaurando-se, assim, o esforço governamental de treino do pessoal em serviço, que já clevou, em dado momento, a nossa cidade à categoria de Capital pedagógica do Brasil.

Por sua vez, logo que dispnhamos de um instrumento adequado de comunicação, e está por dias, iniciaremos um serviço de informação e de divulgação pedagógica, inclusivamente cursos por correspondência que em certos países já constituem peça de administração.

Estudando o nosso meio, examinando as nossas necessidades, buscando elaborar uma escola simples e eficiente, através de investigações de toda sorte, num trabalho de ciência desinteressada, não deixaremos de atentar para as exigências imediatas, e, assim, achamos que estamos interpretando hábilmente o objetivo regional que qualifica o nosso Centro. Por ser regional, o Centro de Minas diferenciar-se-á necessariamente do Centro da Bahia ou de São Paulo, colorindo-se propositamente das cores dos gênios do lugar. *Genii loci*... O Centro Nacional, que trabalha sob a notável inspeção de Anísio Teixeira, é que competirá naturalmente a consideração do conjunto.

Com esse propósito, servir-nos-emos de todos os elementos de que dispusermos, com a absoluta convicção de quem acredita nas virtudes milagrosas da educação.

Outros homens, e bem maiores do que nós, o fizeram, e nada nos ocorre mais sugestivo, para comprovar essa verdade e para fechar estas palavras, do que um pequeno gesto de Benjamin Franklin.

Um nascente núcleo humano, escondido na extensão então despovoadas dos Estados Unidos, por volta da revolução da Independência, elegeu para nome o nome de Franklin.

Sensível à homagem, o patriarca escreveu que desejava mostrar de algum modo o seu apreço àquela gente amiga, tendo pensado, primeiro, em enviar-lhes um sino para a igreja.

Depois, refletindo melhor, preferiu remeier-lhes alguns pacotes de livros, para início de uma biblioteca, explicando a sua preferência com dizer-lhes que, ao que sabia da índole daquela gente, ela preferia o senso ao som *senae to sound*.

Muitas pessoas leram decerto aqueles livros escolhidos por uma das cabeças mais sensatas que já houve neste mundo.

Um deles foi um filho de pobres lavradores e se chamou Horace Mann: ele datou da leitura daqueles livros o ponto de

partida de seu glorioso destino, transformando-se no educador por excelência de sua nação, pois sem a sua obra educativa poderemos desassombadamente asseverar que o seu povo não teria atingido os altos níveis de civilização que muito cedo atingiu.

Esse gesto de Franklin parece-nos fácil de compreender e de imitar.

É o que o Centro Regional de Pesquisas Educacionais se propõe fazer em Minas, oportuna e inoportunamente, conforme o conselho do Apóstolo.

UM DISCURSO CHEIO DE ENSINAMENTOS

Assumindo a Pasta da Educação no governo Juscelino Kubitschek, a que prestou relevantes serviços, como observador e conhecedor abalizado dos problemas pedagógicos, o Professor Levindo Lambert pronunciou o discurso que hoje nestas páginas reproduzimos, como uma lição sempre oportuna, pelos ensinamentos e advertências que encerra:

"Nos longes de 1929 eu transpunha os umbrais desta Casa, após renhido concurso, para assumir o cargo de Assistente-Técnico do Ensino.

Implantava-se, então, a reforma Francisco Campos, e a inteligência esclarecida desse grande Mestre e eminente homem público, que é Mário Casassanta, preparava para executar e difundir no interior do Estado os ideais pedagógicos que orientavam esse notável movimento renovador da escola mineira.

Contagiado pelo entusiasmo do chefe ilustre, empolgava-me a perspectiva de penetrar os sertões de nossa terra, levando ao povo e aos professores, em particular, os princípios cardiais de uma reforma que haveria de plantar, na história da civilização mineira, um marco verdadeiramente decisivo.

Filho de professor, trazia no meu destino o pendor atávico do magistério. Era razoável, portanto, que sentisse entusiasmo, dedicação e fé.

Por outro lado, o idealismo de moço encontrava ambiente adequado para o exercício de suas atividades, porque o magistério e o povo emprestavam solidariedade à campanha que Francisco Campos comandava em favor da escola mineira.

Estávamos, por assim dizer, em plena renascença pedagógica.

Pois bem, meus senhores, depois de vinte e cinco anos de constante labor, batendo o pé da mesma estrada, transponho hoje os umbrais desta Casa para assumir cheio de fé o alto pósto de

Secretário da Educação, alimentando os mesmos ideais e as mesmas esperanças que encheram o meu espírito nos idos de 1929.

A organização educacional de Francisco Campos, embora mutilada, at está, ainda, nos seus lineamentos arquitetônicos, dando à escola mineira lugar de preeminência no ensino brasileiro. A obra monumental do sábio Secretário desafia a mão iconoclasta de inovadores, porque alicerçada naquilo que melhor possui a ciência da educação, em consonância com a realidade mineira.

Por mais que se queira desfigurá-la, a sua estrutura reaparece a cada embate do camartelo, teimosa e pertinaz.

Por isso mesmo, cabe-nos o dever de restaurá-la e preservá-la adaptando-a às contingências do momento.

Adaptando-a, digo bem, porque aquela civilização em mudança, que serviu de pórtico para o livro notável de Kilpatrick, atinge agora o seu ponto culminante, quer no ritmo acelerado das transformações sociais, quer na imposição de novos hábitos de vida.

É claro que o ensino, mais que qualquer outro setor da cultura, reflete esse estado de espírito da humanidade e recebe o influxo trepidante dessas modificações de base.

Qualquer sistema pedagógico, implantado antes da última guerra, sofreria, na sua estrutura e nos seus fundamentos, o impacto das idéias que tanto diversificam o pensamento contemporâneo.

Mais ainda do que qualquer outra parcela da federação brasileira, Minas Gerais estaria sujeita a sofrer os efeitos dessa civilização em mudança.

Estado mediterrâneo, desdobrado em áreas geo-econômicas do mais variado teor, enastrado de montanhas — tudo aqui concorre para que tenhamos um tipo de civilização consentânea com nossas peculiaridades.

Na configuração dessa assertiva, sobressaem os dados que a estatística nos oferece. Para uma população absoluta de 7.717.000 habitantes, encontramos um contingente rural recenseado de 5.417.000 pessoas. A população urbana, nesse caso, atinge apenas a 2.319.000 habitantes.

Ora, examinada a questão diante das peculiaridades do Estado de São Paulo, por exemplo, mais se acentua a originalidade da situação mineira, porque, para uma população absoluta de 8.134.000 habitantes, conta o Estado Bandeirante com um contingente rural de 4.330.000 habitantes, apenas, o que dá cêrca de 4.804.000 indivíduos morando em centros urbanos, isto é, maior população urbana no cômputo da sua população absoluta.

Verifica-se, pois, face ao fenômeno paulista, que Minas Gerais é tipicamente ruralista.

As cifras são incontestavelmente expressivas para a orientação dos homens de Governo. A legislação escolar não pode

ater-se apenas aos reclamos dos centros urbanos, que são a minoria, capazes, quase sempre, de enfrentar e resolver, pela iniciativa particular, os problemas pertinentes às necessidades locais.

Posta de parte a circunstância importante de que o meio urbano já constitui, por si mesmo, relevante fator na educação do indivíduo, não se pode deixar de reconhecer que, em grande parte, as sedes municipais e distritais já estão mais ou menos providas de escolas em condições de prestar assistência às exigências imediatas da população.

O interior, o *hinterland*, constitui a maioria. Nêle vivem e sofrem mais de cinco milhões de mineiros, impregnando contra a vesga propensão das leis escolares, sempre prestímosa a atender às pretensões urbanas.

E na hora presente, meus senhores, conturbada e difícil, em que os desequilíbrios de sentido econômico desafiam a argúcia dos governos e constituem problemas da mais alta indagação administrativa — na hora presente, repito, cabe-nos voltar as vistas para o homem do campo, fixá-lo ao meio e possibilitar-lhe instrução e conforto.

Estamos verificando, com sincera desolação, o êxodo das populações rurais, ora em busca de terras em que o sonho de meses fartas desperta ambições desenfreadas; ora atraídas pelos falazes salários oferecidos aos centros urbanos.

Se a primeira causa pode, de fato, justificar a migração de grandes massas humanas, na lição oferecida pela história dos países centripetantes, a segunda delas constitui, aqui, no entanto, uma doce ilusão.

Na verdade, aquilo que possibilitou o rápido desenvolvimento dos Estados Unidos, do Canadá, da África do Sul, pode ocorrer — como realmente tem ocorrido — dentro das lindes brasileiras, notadamente em São Paulo e Paraná, onde os aglomerados humanos nascem e crescem como sonhos de mil e uma noites, constituindo-se dentro de poucos dias, alentadas metrópoles. Nenhuma força organizada pode opor resistência à mole humana que marcha da periferia para o centro, sob o influxo de atrativos econômicos incontroláveis e imperiosos.

Sómente a obra desenvolvida pela escola, na ação pertinaz e construtiva do mestre, é capaz de sobrestar a fuga do homem do campo, prendendo-o à terra e ao meio.

Trabalho de gota d'água, de convencimento lento, de formação espiritual — exige preparação técnica do mestre.

Coube a Vidal de La Blanche estudar com surpreendente acuidade essa interpenetração de homem e meio, analisando as leis antropogeográficas que justificam as relações entre um e outro.

Não há negar que ambos são fatores atuantes, quer nas modificações morais e espirituais, e mesmo somáticas, do homem ante

a ação imperiosa das forças mesológicas, quer no que diz respeito à capacidade do homem transformar o meio na medida das necessidades funcionais da civilização.

É dever de nossa parte, pois, zelar pela escola rural. Estará na sua distribuição sistemática, na assistência técnica que se lhe prestar, na ação que ela deve exercer no meio geográfico — estará nisso a solução do problema brasileiro, notadamente no que tange a Minas Gerais.

É de se notar que o Governo Mineiro equacionou com clareza e interesse esse momentoso problema.

O eminente Governador Juscelino Kubitschek de Oliveira, em mensagem à Assembléa Legislativa, dá o devido relevo à função exercida pela escola no meio rural e relaciona as atividades educativas realizadas sob os auspícios desta Secretaria, no setor do ensino rural.

Estamos, de verdade, procurando fixar a qualidade da escola.

O Estado de Minas Gerais — e volto agora às considerações iniciais desta desordenada oração — mais do que outra unidade da federação, apresenta fisionomia própria no panorama da realidade brasileira. Longe do litoral, somos um povo destinado a enfrentar permanentemente a dificuldades oriundas da tãea orográfica que caracteriza nossa extensão territorial.

Nessa luta ingente, a escola e o mestre ocupam as primeiras trincheiras. A eles, por igual, caberão os louros da vitória.

Meu caro amigo, Deputado Cândido Ulhôa,

Reivindico para mim as glórias de fixar nesta hora um fato significativo nos anais desta casa.

Pela segunda vez, um funcionário da Secretaria, em pleno exercício de suas atividades, recebe em suas mãos o honroso cargo que V. Excia. me transmite.

Pela segunda vez, o Chefe do Gabinete passa à condição de Secretário.

Essa coincidência emana da administração de V. Excia.

A serenidade, o descortino, o senso de equilíbrio, acompanhados de uma admirável percuência política por parte de V. Excia., possibilitaram uma orientação segura e harmônica no serviço de seu Gabinete.

Obedecendo ao seu comando e à sua incontestável operosidade, puderam os seus auxiliares diretos coordenar com eficiência, sem atritos, o mecanismo da Casa, recebendo dos Departamentos o apoio e a solidariedade necessários ao êxito dos trabalhos.

Dessa harmonia reinante no período fecundo da gestão de V. Excia. — ressonância de uma notável personalidade de homem

público — resultou talvez a necessidade de se manter incólume o ritmo dos trabalhos normais da Casa.

Dai, então, a escolha do obscuro chefe do seu Gabinete para prosseguir a obra encetada por V. Excia.

Na realidade, não haverá solução de continuidade na orientação da Secretaria. Trabalhando lado a lado de V. Excia., recebendo a lição do seu patriotismo, do seu desprendimento, de sua bondade e do seu aprço ao ensino e ao professorado de nossa terra — não devo ter outra direção senão aquela que V. Excia. me deixa.

Por outro lado, meus senhores, assinalo o meu reconhecimento ao preclaro Governador Juscelino Kubitschek de Oliveira, cuja obra à frente dos destinos de Minas Gerais recebe, desde já, a consagração da opinião pública e os aplausos dos brasileiros.

Confiando-me a direção da Pasta, vinculo-me ao seu programa de Governo, porque se o lema de sua administração se fixa nos problemas de energia e transporte, não relegou sua excelência a escola e o ensino a plano secundário.

Basta lembrar que, através dos serviços de ampliação da rede escolar e das medidas oportunas tomadas por esta Secretaria, por inspiração de S. Excia., a nenhuma criança se negou matrícula este ano nas múltiplas unidades escolares da Capital.

Cessou, por isso mesmo, o clamor público que nos anos anteriores enchia e perturbava os corredores da Casa.

Essa orientação do eminente Governador, prestigiando a obra executada pelo ilustre Dr. Cândido Ulhôa, é bem a prova de que a abrangente clarividência de sua excelência supervisiona com elevado espírito público todos os setores da Administração, não se limitando àqueles que constituem a base angular do seu Governo.

Sinto-me, pois, prço a obra administrativa do preclaro Governador Juscelino Kubitschek de Oliveira. Dar-lhe-ei, por isso mesmo, a soma total de minhas energias, da minha dedicação e do meu entusiasmo.

Manifesto, por igual, o meu cordial reconhecimento ao Partido Trabalhista Brasileiro, a cujos quadros tenho a honra de pertencer, na pessoa de seus ilustres dirigentes, pela indicação do meu nome para tão relevante pósto na administração do Estado.

Aos funcionários da Casa, com os quais trabalho desde 1932, cujos predicados morais conheço de sobejo, trago a minha saudação cordial e amiga, na certeza de que o seu apoio concorrerá para tornar menos árdua a caminhada que enceto.

Agradeço a todos os presentes a honra que me proporcionaram nesta hora".

INICIADA A CAMPANHA NACIONAL CONTRA O BÓCIO ENDEMICO

*Palestra do Dr. Henrique Furtado
Portugal na Rádio Inconfidência, em 9-2-57.*

"Dentre as comemorações que assinalaram os primeiros doze meses do atual Governo da República, figurou o lançamento, a 20 de janeiro de 1957, na cidade fluminense de Cabo Frio, da Campanha Nacional Contra o Bócio Endêmico, marcada com a inauguração da primeira instalação de preparo do sal iodado no País. A Companhia Salinas Perinas, de propriedade da família Miguel Couto, é assim pioneira da execução de leis e decretos federais que objetivam a prevenção dessa endemia carencial grave, que é o bócio endêmico.

Lá estivemos na qualidade de representante do ilustre Secretário de Saúde de Minas, Prof. Washington Pires. E lá em Cabo Frio, sob a ação da mesma brisa que sêculos antes embalara os sonhos de corsários franceses, de tambois indóceis e de litorâneos portugueses do então Governador do Brasil, Desembargador Antônio Salema — como nos diz Pedro Calmon, um século levaria o colono hesitante à porta do deserto, sem ânimo de entrar — lá na ex-Fortaleza do Cabo, perpetrarmos frases que, se foram pálidas pela fraca elaboração, pelo menos, procuraram expressar o entusiasmo que vai nas camadas mineiras pelo interesse de higiene que o Estado de Minas vislumbra no evento.

Não fora pequena a emoção, pois faláramos após o Governador do Estado do Rio, Miguel Couto Filho, após o Diretor-Geral do Departamento Nacional de Endemias Rurais, Mário Pinotti, ao lado do coordenador da Campanha Contra o Bócio, Adelmo Mendonça, após o Presidente da Comissão de Saúde da Câmara Federal, Deputado Josué de Castro, e antes do Presidente Juscelino Kubitschek.

Confortava a um brasileiro ver um patricio empenhado na sua política — filha da moral e da razão — à qual presta a assistência,

tanto de seu talento e de sua cultura, como dos recursos materiais a seu alcance. É um exemplo que dignifica a descendência do grande Miguel Couto, que não posso recordar sem perturbadora emoção. São palavras de Eurivo Vilela, sábio colaborador de Carlos Chagas, a propósito das atividades de Miguel Couto Filho, como deputado, cuidando, a sério, da profilaxia do bócio endêmico em nosso País, êle que era do litoral, de um Estado quase só à orla marinha, isento, ou pelo menos, sem aqueles percentuais graves das chapadas de Minas e de Goiás, dessa endemia carencial, que tanto enfieira numerosas comunidades de nossa Pátria e que tanto custou a encontrar defensores e executores de sua prevenção, aplicando o que algures já era usual — a iodação do sal de cozinha.

Valcu a pena, talvez, essa demora, pois ali víamos uma constelação de autoridades, autoridades médicas, autoridades por eleição democrática, autoridades pela conquista de cátedras e de posições científicas, Professores Juscelino Kubitschek, Maurício de Medeiros, Miguel Couto Filho, Mário Pinotti e outros, acenando para a parcela de Brasil aneugizada pelo bócio endêmico, que o sal iodado irá secar o caudal das hipofunções tiroideias e suas conseqüências. E quem diz hipofunções da nobre glândula, diz menos oxigênio, menos vida, inércia, marasmo, lentidão mental, lentidão física: o baixo rendimento *percapita* das áreas boicennas não deixa dúvida de que a pobreza iódica do homem dos escampados de Minas se interligue às deficiências.

Chegam, mesmo a ser silenciosas as regiões de bócio, pois não incomodam políticos, não atropelam administrações, não criam desassossegos sociais, não assustam o fisco e a polícia — até mesmo a expressão "bate-papo", pelo *far niente* que significa, folclóricamente que dizer improdutividade — e quando a natureza se defende glandularmente, omitindo a geração tornando maninhos os lares, então quase se pode repetir o poeta condoreiro Castro Alves: Musa! chora, chora tanto, que o pavilhão se lave no teu pranto ...

Portanto, se não era demagogia dar solenidade a um ato que lá redimir silenciosos, grande era o merecimento dos que estavam marcando o fato histórico: o início de uma era de afastamento de uma causa de debilidade nacional, com uma certeza de profilaxia que poderá desmentir Francisco de Castro, quando negava que pudesse haver medicina matemática.

As populações diretamente beneficiadas podem não avaliar a merecê que vão receber, mas as gerações que vierem, esclarecidas, cultas, dinamizadas pelas tiroídes eutímicas não de bendizer Deus louvado seja, os que naquele hora finceavam mais uma estaca do começo da extinção de mais um flagelo nacional. O Estado

de Minas especialmente, por sua Secretaria de Saúde, por seu titular, Prof. Washington Pires, vê aumentados os motivos de louvores ao ilustre mineiro Presidente Juscelino Kubitschek e aos eminentes brasileiros Miguel Couto Filho, Maurício de Medeiros, Mário Pinotti, pois que todos contribuíram para mais um passo na trilha riscada pelo Presidente Juscelino Kubitschek, quando falava, há dias, à população do Vale do Piancó, no Nordeste Brasileiro — oferecer ao homem do interior ensejo de ocupação e de felicidade nas próprias zonas onde se encontra.

E quanta coisa ali se viu, se ouviu e se lembrou. Administrações mineiras que transpuseram para a órbita de atuação governamental o problema de bócio, citando-o nas Mensagens à Assembléia Legislativa — Bias Fortes, Clóvis Salgado, Juscelino Kubitschek e Milton Campos, tendo nas direções dos órgãos de saúde personalidades como João Afonso Moreira, Orestes Diniz, Mário Mendes Campos, Baeta Viana, Armando Ribeiro dos Santos, Mário Hugo Ladeira, Antônio de Oliveira Guimarães, Clemente Medrado, Washington Pires e antes destes, no Governo João Beraldo, Diretor do Departamento Estadual de Saúde, Avelino de Paulo, que executando uma revolucionária alteração nos serviços de saúde do Estado — "loucura" para a época, 1946, consideravam uns — "bendita loucura" classificara Artur Reis pouco depois... dera vida nova às pesquisas sobre incidência do bócio endêmico em todo o território mineiro. No âmbito federal, Carlos Chagas, Alvaro Lobo Leite, Amílcar Berca Pelon, Valter Silva, Pedro Borges, Virgílio Gualberto, Bichat Rodrigues, Armando Arruda Sampaio, Túlio Raponi, Gilberto Costa Carvalho, são nomes que se incorporam aos que executam presentemente: Maurício Medeiros, Erlindo Salzano, Mário Pinotti, Adeldo Mendonça, Amílcar Viana Martins, Jeferson Carlos de Souza.

Na ligeira história do empreendimento, o Governador Miguel Couto Filho, remontará a 1939, para dizer que tinha motivos de júbilo, pois, como médico, parlamentar, Presidente da Comissão de Saúde da Câmara Federal, como titular do Ministério da Saúde, tudo acompanhara do problema, dando substituto ao projeto do então Deputado Café Filho, que mais tarde, Vice-Presidente da República, Presidente do Congresso Nacional, tornara lei o inciso saneador em agosto de 1953. Já o decreto executivo, que delimita áreas bocígenas e dispõe sobre uso de sal iodado é do atual governo, n.º 39.814, de 17 de agosto de 1956.

Mário Pinotti frisou que se iniciava a produção industrial do sal iodado, partindo-se primeiro dos centros produtores que abastecem as áreas de maior incidência e aumentando-se depois, gradativamente, os centros de produção, de modo que, dentro de

ano e meio se possa assegurar a todo o País a arma profilática eficiente e capaz de apagar de nosso mapa nosográfico a mancha da endemia do bócio.

Atingindo o bócio um quinto da população brasileira, bem se compreende o que proclamou ao final o Presidente da República: a campanha que se inaugurava iria redimir milhões de brasileiros".

EDUCAÇÃO E EDUCADORES

(*Croquis Pedagógicos*)

BENJAMIN RAMOS CÉSAR

II

Sempre que surge uma oportunidade de nos referirmos à mentalidade que imprimiu cunho indelével à Pedagogia indú, este-reotipando para o transcurso de tantos séculos a alma dêsse povo, vem-nos à mente, com a teimosia das coisas em que não queremos pensar, mas, que se fazem presentes, a contragosto, o passado pedagógico das nossas escolas do A B C e da Taboada, que, infelizmente, ainda existem, empagadas de teorias importantes e empapelotadas de tratadistas de nomes arresvados.

Nos moldes educativos indús fundiam-se espécimes hieráticos, vacuidades econômicas e apriorismos morais; com processos de ensino transplantados de afogadilho e superficialmente compreendidos em sua aplicação, obstinamo-nos, às vêzes, em formar legiões de "deutores" supersaturados de turvas tisanas didáticas enxertadas no cérebro como inoperante psitacismo. Aquêles tinham os seus indefectíveis ritos educativos; nós, uma variedade assombrosa de almanajestos e almanajestos pedagógicos.

Se dêsse povo o chicote das adversidades, como aconteceu com os Hebreus, zurzisse o civismo hibernizado, por fim extinto e substituído pela renúncia, que se lhe fêz caráter moral, a toda e qualquer aspiração social, assim como conformação com todas as degradações individuais, bem possível fôra que nêle êsse estímulo larvante despertasse, pelo menos, o instinto de um destino melhor e mais humano, na moldura política.

No seu início de nacionalização, quando mal se lhe desenhavam no tumulto histórico a fisionomia étnica, também o povo hebreu contentava-se, na sede congênita de ideal, com o aspecto religioso e filosófico da vida. Não tinha, porém, como os Indús, a indiferença niveladora pelo destino terreno, na pressuposição de que acima de qualquer tentativa de redenção, estaria o texto implacável da fatalidade. Ao contrário, o senso prático dava-lhe

às normas educativas, por diretriz, a formação da alma nacional, tendo por objetivo a independência, o progresso, o bem-estar social.

Conquistado e submetido a provas, sucessivamente, pelos Persas, Gregos e Romanos, o povo hebreu compreendeu que não bastavam ao imperativo da conservação dos laços nacionais o sentimento religioso e a inteireza moral, mas, que impunha-se dar à coletividade, pela instrução, a consciência da grande desgraça. E imprimiu feição mais prática à formação individual, esclarecendo-a pela experiência e tornando-a intencional.

Josué amplia as concepções morais de Moisés, adaptando-as às necessidades sociais e exaltando o sentimento religioso da nação dispersa, numa invocação feliz às reservas de energia moral; transforma as escolas em centros de comunhão de idéias e sentimentos, de solidariedade espiritual, decretando o anátema para as cidades que negligenciassem o dever de manter uma casa de ensino. Se não desabasse sobre êsse povo, açoitado pelas maiores desditas, a avalanche étnica tangida pela inclemência dos desertos arábicos; se não se verificasse essa preamar antropológica, com que a fatalidade geográfica e as reações políticas, obedecendo a leis obscuras, costumam modificar o aspecto cartográfico dos aglomerados humanos na partilha do planeta; se, principalmente, o advento do Cristianismo não acendesse ante os olhos dos povos mais intenso clarão de ideal, a promissão de felicidade maior e mais confortadora, provocando novas reações morais na têmpera da alma hebraica, talvez a previsão dos grandes legisladores culminasse em resultados práticos e a grandeza de outra civilização precedesse o fastígio do Império Romano.

Até hoje os Hebreus, disseminados no tumulto de povos os mais diversos, absorvidos pelo colmeiar de pátrias alheias, indiferentes ou adversas, dão exuberantes provas de uma estrutura moral resistente, conservando unidade de espírito que os maiores revezes nunca abalaram. Das suas normas educativas, na infância remota, alguma coisa ficou, resistindo ao tempo. A Pedagogia é uma força portentosa: alicerça mundos interiores no âmago das criaturas e edifica com êsses mundos intácteis e imensuráveis monumentos que os séculos não destroem.

Mais do que preparar o homem para a ilustração, que é apenas um fenômeno mental no curso da vida, educar é torná-lo apto a viver ativamente. Nada se sabe da história do mundo antes do luzir da primeira estrêla; tudo se ignora do evoluir da humanidade antes dos vestígios da vida organizada, que em várias partes da terra resistiram à destruição.

No conceito de Pascal, "toda a humanidade deve ser considerada um só homem que subsiste sempre e continuamente

aprende". O homem é o eterno torturado do Pensamento. Por onde quer que tenha passado, na loca pré-histórica, nas toscas construções megalíticas, nos templos suntuosos, nos monumentos, foi deixando, em caracteres indestrutíveis, a tortura da sua ânsia de saber. Michelet considerava o mundo cósmico e o mundo social, uma Bíblia. Cada geração que passa escreve o seu versículo. É o Cântico dos Cânticos com que o homem celebra a glória terrena das suas audácias e conquistas, suas dores e alegrias, suas quegas e ascensões, abandonando em seu contacto, aos fragmentos, iluminados e luminosos, o espírito e o coração.

Esses fragmentos do ser humano, entretanto, só resistem ao tempo, quando a Pedagogia, vale dizer, o Mestre, faz dêles cristalizações indestrutíveis, — ou seja, ainda, em última análise, — visão abrangente, síntese da complexidade da vida e do mundo em que ela palpita. Saber, enfim, para viver o seu meio e o seu tempo, enobrecendo a vida e sendo útil à sua continuidade, àqueles que virão depois de nós.

É a Pedagogia que devemos praticar por amor ao Brasil.

* * *

Vamos dar sentido prático ao aforisma de Pascal. Aprender é adquirir conhecimentos, vendo, ouvindo, experimentando, concluindo, tornando o indivíduo, enfim, apto a enfrentar a vida, a dar-lhe ritmo, coerência, normalidade, qualidade. Adaptemos a êste caso um velho e sempre oportuno axioma: "há vida e vida". A vida não é a mesma em tôda parte e para todos os séres. Mas é a mesma para todos aquêles que convenientemente se preparam para ela. E foi dêsse princípio que surgiu a Pedagogia. Em Pedagogia, saber é uma seriação de noções que nos transmitem ou que adquirimos com a nossa própria experiência. Em Psicologia é uma superposição de estados de consciência, o que, praticamente, vem a dar na mesma.

O psicólogo americano William James comparou a consciência a um rio, ora defluindo remansado, numa sucessão de ondulações espelhantes, ora enrugado de relêvos evanescentes, reproduzindo interminavelmente estados variados que passam e fogem; aspectos que se desfazem e não se reproduzem. Em que pese a alta respeitabilidade de mestre tão eminente, a imagem não nos parece muito feliz na exatidão. Consciência é percepção, é a imagem filtrada pelos sentidos, penetrando o nosso ser, impregnando-o da certeza da existência de qualquer coisa. Que é, então, para o mestre ilustre, fixação? Se a formação dessas imagens é como as ondulações que se reproduzem e se desfazem num milésimo de tempo

num curso d'água defluindo, sem se reproduzirem jamais, que seria da percepção, da incorporação, da utilização dessas imagens para o conhecimento?

A comparação, entretanto, aplica-se, com mais justeza, ao curso da civilização através das eras. O aperfeiçoamento é uma seriação ininterrupta de atividades e valores. Esse rio símbolo, cujo regime é constituído pelos séres e pelas coisas, atravessa a história também numa sucessão de estados que não se reproduzirão jamais, mas que deixam, pelo menos, o luciluzir das ondulações refletidas na memória das gerações. Ninguém lhe descobriu ainda a nascente misteriosa; ninguém chegará à sua foz. Mas êle corre sempre, sem ter ainda terminado o preparo do seu leito, para se estabilizar. A sua origem é o princípio; a sua foz o fim.

Princípio... Fim. Duas palavras tremendas, que nos pesam com o próprio peso do Universo, quando nelas meditamos. Como a inteligência humana não conseguiu desvendar êsses dois enigmas, essa torrente de idéias, desejos, sentimentos, anelos, ilusões, decepções, verdade e mentira, êsse rio símbolo continuará correndo, ante os olhos do espírito da humanidade que é, a um tempo, paradoxalmente, a matéria de que é feito e o seu espectador.

A história da civilização é também a história da Pedagogia. Perquirindo-a, vemos que a grandeza e o fastígio dos povos é obra dos educadores, dentro do perímetro da escola e fora dêle, onde quer que alguém ensine a outro alguém alguma coisa; estiveram sempre a grandeza e o fastígio dos povos em relação com o preparo do indivíduo para a função de propulsor da prosperidade coletiva. Civilizações surgiram e desapareceram. De tôdas elas o educador foi obreiro, argassamando-lhes a estrutura, alicerçando-lhes os fundamentos. Civilizações no seu tempo e no seu meio; civilizações relativas, se quiserem, mas civilizações.

Porque civilização é o culto dos valores individuais e em tôdas elas o homem revelou heroísmo e merecimento, receptividade e amadurecimento. Algumas vêzes, é verdade, fazendo variar o conceito da Moral, que é o fundamento específico de civilização, mas, caminhando sempre e deixando sempre da sua conduta, malgrado a divergência de princípios, alguma coisa aproveitável para os que vêm atrás. Varia, assim, o conceito da própria Moral, nunca, portanto, e dedutivamente, o de civilização que é, sempre, mais produtividade do indivíduo.

Não há civilização quando o homem não se excede e como êle só se excede quando o meio e o tempo, confundindo-se, dão-lhe relêvo e figura, segue-se que se tem civilização por estádios, num progressivo desenvolvimento. As civilizações passadas foram graus de perfectibilidade. A civilização é o próprio homem a caminhar pelo futuro a dentro, conduzido pela mão de quem lhe guia os passos, fazendo do próprio espírito a luz do seu caminho. Quer

que seja esse alguém o obscuro mestre hebráico ou o pedagogo que chegou até aos nossos dias passando pelos liceus e ginásios da Grécia, pelos anfiteatros romanos, pelos claustros da Idade Média, a sua missão foi sempre conduzir o homem. E se este chegou atrasado às portas deslumbrantes do mundo do século XX, com falhas culturais reparáveis, foi porque com atraso os pedagogos "descobriram a criança". Na etimologia do vocábulo está enerrada, com absoluta propriedade, a linha mestra do mister que ele designa. Ser pedagogo é conduzir crianças, diz o sentido etimológico da palavra. E não foi, rigorosamente, isso o que sempre se fez.

Até à metade do século XIX, não se praticava a Pedagogia. Pedagogia é ciência, e ciência, dizem os mestres, é conhecimento exato do objeto de nossas operações mentais. Procedia-se empiricamente, aplicando-se a fatos da vida escolar, regras, cujos fundamentos eram ignorados. Não faz Pedagogia quem desconhece cientificamente a criança. Diz um brocardo pedagógico, que a "criança vai toda para a escola". Corpo e alma. Não pode ser bem sucedido quem objetiva o corpo sem preservar a alma, assim como quem cuida da alma, menosprezando o corpo. O ser humano, na sua dualidade física e espiritual, para ser perfeito, como material educativo, tem que ser uma unidade, e uma unidade viva. Nessa unidade não se faz, pedagogicamente, cirurgia, que importaria em mutilação ou cicatriz indelével. A mutilação é uma monstruosidade; a cicatriz o vestígio indelével de imperícia.

Com a criança, o educador deve fazer obra de previsão clínica. Para conhecer, porém, cientificamente, a criança, não basta ao mestre empanturrar-se de doutrinas e teorias; congestionar-se de princípios, postulados, leis, regras de ensino; ser um poço de saber, um empório de erudição, seja erudição geral, seja erudição especializada. O que se lhe impõe, indelévelmente, é atinar, com singular acuidade de senso, como, onde e quando deve aplicar o saber. Erraram ante a criança os velhos mestres com a simplicidade e a superficialidade dos seus processos, como erram lamentavelmente os luminares da modernidade pedagógica que se arvoram em despotas, ou em esfinges, e não admitem ponderações às suas sentenças.

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

GUILHERME FURTADO PORTUGAL
(Professor da Escola Normal e Ginásio
Estadual de Rio Preto)

Promovendo as festividades da Semana da Criança, nos moldes de uma grande cidade, as Irmãs Vicentinas têm a cooperação de todos. O programa estabelecido é completo, aliando exposições, divertimentos, conferências, que vêm dar brilho todo especial, ressaltando aos olhos de todos que pequena cidade de Rio Preto, materialmente "pequenina-arbs-tempo-do-Império" é grande, no entanto, em sua vida intelectual, em seu nível social, podendo rivalizar-se com cidades grandes do País.

O tema — "Orientação Vocacional" — é assunto básico para a Nação, para as famílias, para cada brasileiro, mormente para os jovens, homens do porvir do Brasil, moços que ao enaranhado da vida brasileira, procuram, pesquisar a sua vocação, equacionam a sua profissão ansiosamente, traçam os seus planos, em muitos casos, sem orientação e em quase todas as vezes, buscam apenas o meio de subsistência, onde possam se agarrar para ganhar dinheiro! Não, não deve ser esta a primeira aspiração! É verdade que as contingências da vida brasileira em certas circunstâncias a isso os obrigam. É o *struggle for life* — a luta pela vida... Porém, o ideal de cada criança não pode ser sufocado ou relegado a segundo plano. O ideal deve ser cultivado, esmiulado a qualquer preço!

O profissional colocado em sua vocação certa, brincando, produz os cem por cento; sem nenhuma tortura interior e sem objetivar só lucros financeiros, desempenha do modo mais perfeito possível sua profissão, orgulhando-se da mesma. Seja médico ou alfaiate, advogado ou comerciante, engenheiro ou lavrador, sacerdote ou cirurgião-dentista, farmacêutico ou professor, bancário ou contador, marceneiro ou ferreiro-mecânico, ele se aperfeiçoa por amor à profissão, se estiver certa a sua vocação.

É de tal relevância a orientação profissional que nos Estados Unidos, Alemanha, Holanda, Suíça e mais países, existe nas escolas

o psicotécnico, isto é, um professor especializado só em observar os alunos, as suas tendências, a sua vocação através de testes, a fim de ajustá-los na vida, no seu caminho devido. É ainda sua função observar suas dificuldades, as deficiências físicas, mentais, para que o estudante não erie complexos de inferioridade ou de superioridade ou outros... É o "Gestalten", conjunto. E a concepção de que o homem não age por parcelas, mas sempre em função da soma integral de suas tendências e do meio ambiente que é criado. Sucintamente, para uma noção geral, caracterizamos as estruturas psicológicas infantis e os seus sinais característicos debaixo do prisma do "Estruturalismo de Sprenger", no intuito de se verificar, como frisa Everardo Backheuser: "que manifestações de cada uma das estruturas são vislumbrações desde a mais tenra infância, embora, mais tarde, se acentuem ou se esbatam na de adolescência" ou se transviem pelas agruras da vida, vindo a ser a criança de hoje ou um desajustado na vida ou um pioneiro na profissão certa.

As estruturas psicológicas infantis ou graus de inteligência segundo Sprenger, são estrutura científica, artística, econômica, religiosa, social-política. Inegavelmente, todos têm um tipo ou grau de inteligência artística, inteligência econômica, inteligência religiosa, inteligência científica, inteligência político-social. Ninguém é néscio. Ou tem de todas um pouco ou então num ponto alto, às vezes, a vocação profunda em determinado setor, com detrimento dos outros graus de inteligência. Em alguns, porém, se acentua uma tendência, por exemplo, a artística. Surge um gênio musical: um Liszt, um Bethoven, um Gounod, um Schubert, um Straus. De fato as estruturas penetrando a personalidade desde os sentidos até as partes mais recônditas da alma, nas regiões da vontade, do sentimento, da inteligência, deixam vestígios por toda parte, na atenção e na observação, na memória, na imaginação, em todas as manifestações da alma!

No Brasil existe no Rio de Janeiro, o Instituto de Seleção Profissional (I.S.O.P.) e em Minas o Serviço de Orientação Profissional (S.O.S.P.). São instituições que promovem séries de *tests* e provas, a fim de aferir as tendências de cada adolescente ou adulto. Também o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), mantém cursos de orientação profissional freqüentado principalmente por jovens de 14 a 18 anos, para que a Indústria Brasileira possa romper sem tropeços, sem operários desajustados e incompetentes. Ainda temos o I.D.O.R.T., em São Paulo, além de outras organizações.

Cada um deve livremente escolher a sua profissão, traçar os seus rumos, dissipar as suas dúvidas, ouvindo os conselhos dos mais sábios, os conhecimentos adquiridos nas páginas dos livros e o senso da vida, mas sem inibições. Somente assim, o homem gozará de relativa felicidade, já que a completa não é possível,

de vez que o simples fato de ser contingente na terra não permite a felicidade total. Desejamos nos dirigir especialmente à mocidade estudiosa de nossa terra, para conclamá-la a conservar, a vida inteira, o espírito de mocidade, desafiando as forças adversas para que não haja entorpecimento das qualidades positivas de cada um. Para que não se deixe dominar por complexos — ou de perseguido ou de perseguidor, de inferioridade ou de superioridade ou de descambar para as paixões profundas... Mas, manter-se em seu equilíbrio de senso, quer em cidade grande, quer em cidade pequena, defendendo sempre os melhoramentos locais, pugnano efetivamente pelas causas da comunidade, quer dando seu trabalho, quer aplicando com despreendimento uma parte de seu tempo nos trabalhos coletivos, quer contribuindo financeiramente à altura de suas posses, sem "pão-durismo", sem miserabilidade, para as obras de Rio Prêto. A todos aqueles que, como simples observadores, ficam indiferentes à sorte das coisas públicas de sua terra, vimos fazer um vemente apêlo, no sentido de dar todo o apoio a estas devotadas Irmãs de São Vicente de Paulo que pelo mundo inteiro dinamizam e santificam os lugares por onde passam ou se instalam... As bênçãos de Deus descem onde elas militam. Rio Prêto é feliz em tê-las em seu meio. Ajudem a Casa da Criança, colaborem eficientemente para a Santa Casa, cooperem para o berçário e para a Escola Profissional Doméstica para maiores. Estão construindo em nossa terra. As bênçãos celestiais estão descendo sobre Rio Prêto... Ainda, nessa hora, pedimos a todos os pais que se dirijam ao Governador de Minas, o eminente Dr. Bias Fortes, a fim de que, atendendo às aspirações do Vale do Rio Prêto, oficialize o "Jardim da Infância", sob a direção das beneméritas Irmãs Vicentinas. Não se pode, não é concebível haver alguém que fique indiferente, que cuide só de si. Não façam como caramujos que constroem a sua casa, a sua vivenda, o seu fundo, e cada vez mais se enclausuram em torno de si até a morte... indiferentes à terra onde moram. Temos que zelar pela sociedade a que pertencemos. A comunidade riopretana precisa de todos seus habitantes. E o município é a miniatura da Pátria!

É no município que o cidadão aprende a fazer da prosperidade pública a sua própria prosperidade. Concitamos a todos, primordialmente aos adolescentes, a lutarem no seu município, na sua região, no seu distrito, por todas instituições existentes ou que venham a ser organizadas. Somente com espírito público elevado e uma consciência construtiva, cumprirão o dever para com a Pátria, para com o Estado, para com Município, para consigo.

Rio Prêto (Minas) — Semana da Criança de 1957 — Outubro.

A LINGUA DOS INDIOS BRASILEIROS E A CATEQUESE DOS JESUITAS

SALVADOR PIBES PONTES
Inspeção Regional do Ensino

Em companhia de Tomé de Souza, 1.º governador do Brasil (1549-1553), além das mil pessoas trazidas, vieram seis padres jesuítas sob a direção do Padre Manoel da Nóbrega. Vinham, no dizer de João Ribeiro, para converter os índios e prestar à colônia os serviços de religião e dos bons costumes.

Na catequese dos índios, o primeiro obstáculo encontrado foi a língua.

Os padres jesuítas que eram Manoel da Nóbrega, Leonardo Nunes, — o primeiro mestre-escola da terra paulista, João de Azpicuella Navarro — o primeiro a manejar, como instrumento de civilização, o abanheenga (abá-neenga, língua ou fala de índio, de gente) e precursor dos bandeirantes, Antônio Pires e os noviços Diogo Jácome e Vicente Rodrigues, depois ordenados.

Em menos de quinze dias da chegada dos primeiros jesuítas, já dava sua primeira "aula de ler, escrever e rezar" o padre Vicente Rodrigues.

A história consagra-o como "o mais antigo mestre-escola do Brasil", que ótimos frutos colheu durante cinqüenta anos de labor e sofrimento.

Os padres jesuítas, partindo do conceito de que para o selvagem, "aquele que fala a sua língua é um seu parente, um seu amigo", — começaram por aprender a língua dos índios, e educando os meninos, ensinavam-lhes a língua portuguesa juntamente com a tupi para a não esquecerem e serviram de intérpretes, facilitando a compreensão mútua.

O Padre Manoel da Nóbrega, em 1550, fundou na cidade do Salvador o "Colégio dos Meninos de Jesus", que, em 1556, passou a instituto canônico sob a denominação de "Colégio de Jesus".

Em São Vicente, São Paulo, Nóbrega, em 2 de fevereiro de 1553, regularizou o colégio iniciado pelo Padre Leonardo Nunes, sob o denominação de "Colégio dos Meninos de Jesus".

Em 1554, esse colégio foi transferido para Piratininga que oferecia melhor clima e por amor dos índios.

Depois, outros colégios foram fundados pelos jesuítas no Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão, Pará, Ilhéus, Espírito Santo, Pôrto Seguro, Paraíba e Ceará.

O de Piratininga foi inaugurado por Nóbrega a 25 de janeiro de 1554, dia do apóstolo São Paulo, e deu origem à atual cidade de São Paulo.

Além de outras matérias, ensinavam também a música; "com a música e a harmonia, dizia Anchieta, através atrair a mim todos os índios da América".

Conforme assevera o Padre Serafim Leite em a História da Companhia de Jesus, a instrução, ministrada pela Companhia de Jesus, durante os seus dois séculos de magistério no Brasil, era Oficial, Pública e Gratuita nos três graus, popular, médio e superior.

Segundo esse historiador, os jesuítas vieram por mandato do Rei D. João III, à custa da Coroa Portuguesa, para servirem de professores oficiais e catequizarem os brasileiros.

Por ordem do rei, ganhavam Padre Nóbrega e seus companheiros, em 1551, 2\$400 réis (Cr\$40), um cruzado por mês, ou quatro centos réis (Cr\$ 0,40) a cada padre.

Recebiam ainda, azeite, vinho para missas, vinagre, arroz, milho, vestuário, tudo à custa da Coroa Portuguesa.

Segundo a nossa História, Nóbrega — o apóstolo do Brasil, fez vir meninos-órfãos de Portugal, a fim de serem educados, e pela convivência, facilitar a catequese e o ensino da língua portuguesa.

Esses primeiros mestres organizaram cartilhas manuscritas e nos tejupares (estância ou rancharia onde vivia o povo), — os curumis (meninos) e cunhantains (meninas) juntas aos meninos reinós e mazombos, ao som da sineta, pela manhã, iam às aulas de ler, escrever, contar, rezar e de bons costumes, enquanto os fiéis tomavam o caminho das roças ou das praias. Ao meio-dia, voltavam para casa, a fim de ajudarem os pais. Estes criavam os filhos com carinho e bondade, sem nenhum castigo, mas com energia e no trabalho.

Tomé de Souza doou às escolas uma sesmaria de terra que ficou conhecida com o nome de "água dos meninos".

Os meninos, quando chegavam a ser homens, eram escolas vivas, porque, possuindo as duas línguas, serviam para aproximar as duas raças (branca e índia) e implantar a nossa religião.

Em dias de festas, os curumis dançavam, cantavam e "brincavam de guerra" com arcos e flechas pintados de várias cores, "nuzinhos", com as mãos levantadas, pedindo bênção e louvando a Deus".

Outros meninos, ao som da viola, do pandeiro e tamboril cantavam trovas portuguesas.

Em 1555, em companhia do segundo Governador-geral, D. Duarte da Costa, chegou ao Brasil, com 19 anos de idade, o Padre José de Anchieta.

A esse grande apóstolo do Brasil, devemos a primeira gramática — "Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil", composta em 1595, a qual constituiu o primeiro livro escrito sobre a língua tupi, e publicada em Coimbra.

"A língua tupi era pois a língua do lar" nos três primeiros séculos, também usada pelos bandeirantes, mamelucos e negros, como meio de comunicação, sendo notável a sua influência na língua portuguesa que se enriqueceu com farta quantidade de vocábulos empregados para dar nomes às localidades, plantas, animais, objetos comuns, e usados nos dizeres, nas lendas, contos, canções populares e no folclore.

O abanheenga — o tupi-da-costa, era a língua geral, e o nheengatu — o tupi moderno (nheenga-catu, língua boa, fala boa, bonita) do Amazonas constituem um só idioma.

O guarani, ou avá-nheenga, dialeto tupi, é falado no sul do Brasil, na Bolívia, Argentina e Paraguai, onde é considerado como língua nacional. Os guaranis são povos tupis do sul.

Nesses países, a influência do castelhano mal ensinado nas escolas, onde os meninos falam o guarani, produziu uma mistura de língua de más conseqüências, um verdadeiro volapuke (volapuk, idioma inventado), de que agora se servem.

Há cerca de oitenta e quatro famílias lingüísticas do índio da América do Sul, cujas línguas são faladas por cerca de dez milhões de pessoas, segundo autorizados lingüistas e etnólogos.

A diferença ou divergência entre o tupi e o guarani é assaz significativa e cada vez maior, dada a evolução do guarani moderno nos países de fala castelhana.

A língua tupi é patrimônio dos brasileiros e está sempre viva em nosso pensamento, nos nomes geográficos, nas palavras que usamos para significar coisas ou objetos comuns. Foi um dos alicerces em que se firmou a nossa unidade política.

Devemos ressuscitá-la, por ser grande a sua contribuição no vocabulário português usado no Brasil.

Disso é prova o excelente "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa" organizado por Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, revisto por Manuel Bandeira, José Batista da Luz e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, cuja riqueza vocabular em brasileirismos é exuberante.

Exemplos de algumas frases na língua tupi: — Xê ey poranga abê catu, minha mãe bonita também boa; nhedê catu, tu bom; coema piranga poranga, madrugada vermelha bonita; potyra

poranga, flor bonita; encoema, bom dia; responde-se, Auê bravo; poranga nheengatu, belas palavras; acangatu, cabeça boa (para aprender); acanga-ayba, cabeça ruim, doudo, parvo; acanga-açu cabeça grande, boa, engenhosa; pindorama poranga, bela região das palmeiras, o Brasil.

Xê retama oreçô pindoetá, minha terra tem palmeiras; mamô nheengara sabiá, onde canta o sabiá. Jesu xê poçanga, Jesus meu remédio, alívio; Tupácy, angaturama, Mãe de Deus, alma bondosa; Santa Maria xê jara, Santa Maria minha Senhora.

Alguns vocábulos oriundos do tupi:

- Iacolumi (itá-culumi): — o menino de pedra; o pico de Ouro Prêto apresenta-se com um penedo menor ao seu lado à maneira de fillo.
- Sabará (tabará ou Itá-veraba): — a pedra reluzente, o cristal. Caelê (caá-etê): — a mata virgem, a floresta ou mata grande.
- Itabira (itá-byra): — a pedra levantada ou empinada.
- Itambê (itá-aimbê): — a pedra ponteguada, a pedra áspera.
- Piracicaba (pirá-cieaba): — a chegada do peixe; lugar aonde chega ou se ajunta o peixe. Um salto ou queda d'água é uma piracicaba. Alusão ao Salto de Piracicaba próximo a Antônio Dias.
- Paraibuna (paraíba-una): — o Paraíba de águas escuras; Pará-ayba, rio ruim, impraticável.
- Manhuaçu (amana-açu): — a chuva grande, grossa; a tempestade.
- Ibirité (yby-ritê): — a terra firme, a terra legítima ou principal.
- Itira (yby-tyra): — a terra empinada, a montanha, a serra.
- Guarapari (guará-para): — o cercado das garças, a bacia onde elas se reúnem. Espírito Santo.
- Iriritiba (reri-tyba): — a jazida de ostras. Antiga aldeia do Espírito Santo fundada pelo Padre Anchieta e lugar onde êle faleceu; atualmente, tem o nome de Anchieta.
- Piralinga (pirá-linga): — o peixe seco ou seca-peixe. Segundo o Padre Anchieta, o ribeiro recebeu êsse nome devido ao fato de, nas enchentes, os peixes lançados fora ficavam expostos ao sol. São Paulo.
- Potira (yba-mbo-tyra): — a flor; a árvore faz brotar, florir; em guarani, yvoty.
- Taquara (ta-quara): — a aste furada, oca.
- Tabajara (taha-yara): — o senhor, dono ou chefe do povo, da aldeia.
- Pajé (pa-yê): — aquele que diz o fim; oráculo, médico, feiticeiro.
- Morubixaba (mobo-yby-chaba): — faz a inspeção da terra, o vigilante, o que toma conta da terra, o chefe das tribus indígenas.

- Tapera (taba-era): — a aldeia extinta, a ruína.
 Caiçara (caá-yça): — a cêrca de galhos, de estacas, tapume.
 Guaraci (guara-cy): — a mãe dos viventes, o sol.
 Jaci (yá-cy): — a mãe dos frutos, a lua.
 Araci (ara-cy): — a mãe do dia, a aurora; a cigarra.
 Sacipererê (sa-acy-pererê): — o olho doente, saltitante; no folclore,
 é um menino de uma perna só, de cabelo de fogo, ou
 um pretinho de barrete vermelho, de cachimbo apagado,
 que aparece aos viajantes na floresta, a pedir fogo.
 Boitalá (mbaé-tatá): — a coisa que é lôda fogo, fogo fátuo.
 Tatorana (tatá-rana): — parecido com fogo, largata de fogo.
 Catapora (tatá-pora): — fogo que irrompe, febre eruptiva.
 Pipoca (pi-poca): — a pele arreventada, o grão de milho
 arreventado.
 Paçoca (po-soca): — socado com a mão; carne pilada com
 farinha.
 Boiúna (mboia-una): — a cobra prêta, grande; chega a atingir
 40 metros. Amazonas.

«SINFONIA DAS RAÇAS»

ORITA BATISTA MONTEIRO PINHEIRO

Professôra do Jardim de Infância Lelena
de Oliveira

*Baseada na música "Minha Terra",
adaptação de "O Guarani", de Carlos Gomes,
Fabiano Lozano, com letra de Pedro de
Melo. Esta dramatização, foi representada
pelos alunos do Grupo Escolar "Melo Viana",
sob a direção da autora, que, na época, lectio-
nava no referido estabelecimento.*

C E N A

Sala de jantar. Numa cadeira de balanço, Vovó faz crochê.
Ao lado, numa mesinha, vê-se um grande álbum. Súbito, entra,
chorando, a Netinha.

Vovó assusta-se:

— Que foi, minha filha? Por que êsse chôro?

NETA: — Não vou mais à escola! Nunca mais! (soluça)

VOVÓ: — (afлита): Mas, por que? Que te fizeram? (*segura-a
pelos ombros, ansiosa*). Anda, fala!...

NETA: — Chamaram-me de mulata, de índia... Aquêles meninos
maus!... (soluça mais).

VOVÓ: — (aliviada, sorri): — Oh! É isso? Não chores, meu
bem. (acarícia-a). Não te incomodes com isso. Vais
voltar à escola, sim...

NETA: — Não, não, Vovó! Lá, são todos claros, e gostam de me
desprezar!

VOVÓ: — Vem cá. Escuta. Vou te contar uma história e vais
esquecer, depressa, a perversidade de teus colegas.

NETA: — Uma história? (vai-se entusiasmando e acalmando-se)
Oh! conte, Vovó! Você sabe como eu gosto de suas

histórias! Qual vai ser hoje? A da Branca de Neve cu já sel... a da Gata Borralheira, do Gato de Bolas... também já. Conte uma nova, sim Vovó?

VOVÓ: — (*pensando um pouco, antes de falar*): Vou te contar uma história nova, sim. Anda, vem sentar-te aqui. (*Ieva-a pela mão e sentam-se à boca da cena, com a cortina fechada atrás delas*). Vais gostar muito desta história. Não só ouvirás, como também poderá ver suas lindas figuras! Estás vendo este álbum? (*apanha o álbum, e a menina fica logo encantada*).

NETA: — Que bom! E são muito bonitas as gravuras? Deixe-me ver, deixe-me ver... (*quer apanhar o álbum*).

VOVÓ: — Espera... Calma... (toma o álbum). Eu te mostrarei tudo, mas devagarzinho... Assim, compreenderás melhor.

NETA: — Sim, sim, Vovó. Então, comece logo.

VOVÓ: — (*abre o livro e finge ler baixinho primeiro, falando, depois*): Havia, há muitos e muitos anos, um país maravilhoso e imenso. Lá, tudo era belo, parecendo que o Criador se esmerara em sua obra divina ao fazer aquele enorme pedaço de terra. Era uma tela gigantesca, onde as cores de sua vegetação ora gritavam de vida, à luz do sol esplendoroso, ora enfeitavam a alma, se o luar as banhava, praleando-as, esmaecendo-as... *Sinfonia* magnífica, em que o estrondar dos rios, e cachoeiras, e mar vinha servir de *harmonia* para o *solo* dos pássaros e da multidão de animais que ali viviam... (*passa uma página do livro*): Vê, aqui está a primeira gravura. Olha que lindo era esse país... (*ficam olhando o álbum*). Enquanto isto, abre-se a cortina, atrás, e surge o "Primeiro Quadro":

Mapa do Brasil, dentro da América do Sul, cobrindo todo o fundo do palco. Dispostas nos planos anteriores, vêm-se crianças representando a Bandeira Nacional: uma de verde, outra de amarelo, de azul, de branco, com a inscrição "Ordem e Progresso". Distribuídas, conforme a Bandeira Nacional, 21 meninas menores, são as estrélas, apresentando-se com a cabeleira dentro de uma estréla recortada em cartolina prateada).

Fundo musical — Hino à Bandeira.

(Fecha-se a cortina).

NETA: — Uma beleza, sim!... Mas... e gente, Vovó? Ali não morava ninguém?

VOVÓ: — Sim, filha, morava. E essa gente era forte, destemida, leal.

Como não podia deixar de ser, eles também traziam na alma a poesia de sua terra. E eles sabiam dançar e cantar.

NETA: — Mostre a figura, Vovó. Deixe-me ver como era essa gente.

(Avó volta uma página do livro e as duas ficam a olhá-la. Abre-se a cortina e surge um índio. Dentro, uma voz conta a história de Águia Branca, o chefe índio, e este vai dramatizando a história).

VOZ: — Águia Branca está perdido na mata... perdido! Saiu cedindo para a caça, quando a noite era escura. E, agora, a lua já brilha de novo... e Águia Branca está tonto, feito cego, perdido, perdido na mata!

Águia Branca: — Foi Anhangá! Anhangá! Anhangá! (Desesperado)

VOZ: — Águia Branca não tem medo. Não têm medo de gente, não tem medo de bicho... Na caçada da taba, já espetou mais de cem cabeças de inimigos, que seu tacapé fez tombar na guerra. Onça, cobra, tudo, Águia Branca vence com a coragem de um verdadeiro chefe! Mas... com Anhangá, com Curupira, ninguém pode!

Ai de quem encontrar Curupira no mato!

E Curupira apareceu para Águia Branca. Os olhos de Curupira lançavam faíscas. E uma faísca fez o grande chefe tontear, cair como morto!...

Agora, Águia Branca não sabe voltar para sua taba...

Águia Branca: (de joelhos) Tupã, manda Jaci guiar os passos do chefe, pois seus guerreiros o esperam! Jaci, mostra o caminho para Águia Branca! (*levanta-se e canta a melodia do livro de Maria Angélica Rezende: "O meu Piano" — "Canto do índio saudosos"*)

"Para mim, tudo se acaba, se não volto logo à minha taba. Ao sol nascente, andei vagando na floresta... Mas, ainda me resta, Lua, o teu claror.

Lua tranqüila, guia os passos do viajor!

(Ao cantar a última frase, ouve-se também, junto, a tribo que está dentro. A tribo continua a cantar tudo

de novo, enquanto o chefe fica a ouvir e a procurar, ansioso, descobrir de onde vêm aquelas vozes.

Súbitamente, descobre seus companheiros e, com grande alegria acena-lhes para que venham até ele. Sempre cantando, a tribo surge em cena.

Um dos índios se destaca dos outros).

INDIO: — Aqui estão os seus guerreiros, Grande Chefe. Teus amigos muito te procuraram! O desespero já morava na tua taba, porque o poderoso e malvado Curupira dominou Água Branca! Mas, Tupã mandou que o Eco levasse tua voz até tua tribo. Os ouvidos de teus amigos ficaram cheios de lamento.

E Tupã mandou, também, Jaci guiar os passos de teus guerreiros. Curupira foi vencido! Aqui estão contigo os teus guerreiros, ó Grande Água Branca!

(Em seguida, fazem um bailado típico. Passos e música do livro *Educação Física Infantil*, de Guiomar Meireles Becker).

(Cortina)

NETA: — E eles eram felizes, não, Vovó?

AVÓ: — Se eram! Vivendo assim, à lei da natureza, eram livres e felizes.

Mas, um dia...

NETA: — Que aconteceu? Não ficaram sempre assim?

AVÓ: — Um dia... uns homens de pele clara como o luar vieram pelo mar e ali ficaram. A princípio foram bons, mas, depois... a negra ambição foi tomando conta de sua alma. Queriam tudo para eles! E veio a guerra aberta entre os nativos que eram livres e felizes, donos de sua terra, e os estranhos, que queriam arrazar o solo onde pisavam. Arrancavam árvores, destruíam florestas inteiras! E os indígenas sofriam com isso... (Abre o livro) Vê: aqui está um pobre índio idoso, contemplando a destruição das matas. E tão expressiva a sua fisionomia!

NETA: — Deixe-me ver.

(Abre-se a cortina. Índio idoso, contemplando um cenário de árvores derrubadas. Ao fundo, dois índios, acordados, em triste meditação).

Índio idoso canta, acompanhado pelos outros, um trecho do Guarani, adaptação de Fabiano Lozano — *Primavera Cantos de Juventude*. Terminado o canto, imobilizam-se os três, na mesma posição, de costas para o público).

CANTO (Letra de Pedro de Melo)

Ai! pobre pátria exânime!

Quem foi o vil traidor?...

Quem foi o autor satânico

de tua imensa dor?...

Que é da floresta esplêndida

que, como o mar, fremia,

e onde o jaguar rugia

a difundir pavor...

Oh! mágua!

Oh! mágua intensa eu sinto alma

Oh! dor! Pungente dor!

Não mais, não mais, floresta imensa,

me abrigarei da calma em teu frescor!

O invasor sacrilego

pôs fogo à bela selva!...

Ai... Podre, humilde relva

Ora reclama o val!

Que é da tua tribo indômita,

o meu país natal?...

Vaga, dispersa, anônima, pelo sertão fatal!...

* * *

VOVÓ: — Viste? Os indígenas não podiam compreender que, onde havia a floresta cerrada, pudesse surgir, mais tarde, nova plantação, houvesse novas espécies de animais, que eles não conheciam, e que os brancos trariam para criar...

NETA: — (indignada): — Eles não deviam tirar a liberdade dos filhos da terra!

VOVO: — Mas, no fim, foi bom, para todos, o seu trabalho. (Outra página do livro):

Olha: a gravura representa uma família de colonos, enriquecidos pelo trabalho. São felizes, e amam, com gratidão, a terra que lhes tem dado tudo, recompensando seu esforço.

(Abre-se a cortina. Ao fundo, duas meninas, vestidas à moda antiga do Brasil-Colônia, trabalham, descascando batatas, ou costurando. À frente, o chefe da família, um lavrador rico, começa a cantar, secundado por elas, no fim, dançando os três. Terminando, imobilizam-se, na mesma posição).

CANTO (letra de Pedro de Melo,
adaptação do Guarani, por
F. Lozano)

Já fui pobre, já fui jornalista,
Hoje tenho o meu casal!
Rude lida enfrentando altaneiro,
conquistei meu ideal!
Graças, graças ao Cruzeiro,
do trabalho bom fanal,
hoje vivo, ledo e altivo,
nesta terra abençoada
nesta pátria, minh'amada!
Nédio gado repono a cavalo,
oh! regalo!... Bom país!...
Oh! Oh! Oh!
No conforto da paz
a família feliz
na abundância que apraz
e me bendiz
Oh! doce paz!
Oh! lar feliz!
Oh! quanto apraz viver assim,
a gozar!
Sou feliz!

(Cortina)

NETA: — Continue, Vovó.

VOVÓ: — A princípio, os homens da terra eram escravizados pelos estrangeiros, para trabalharem para eles. Mas, os selvagens não se submetiam. Então, os estrangeiros começaram a trazer outros homens de longe, bem de longe... Vinham os pobres escravos às centenas, amontoados nos porões dos navios. Eram negros e, embora tivessem alma, como os seus senhores, embora fossem seres humanos também, eram tratados como animais. Desembarcavam-n'os... e logo começava sua vida de trabalho pesado e de martírio... Sob o duro chicote do "Sinhô", os miseros negros trabalhavam até cair sem forças.

Este aqui (volta a página do livro) por exemplo, já é tão velhinho, mas, enquanto não morre de cansaço, tem de trabalhar, senão...

(Abre-se a cortina. Quadro apresentando um grupo de negras, sentadas no chão, catando café e movendo-se

ao ritmo da introdução da música, que cantam de boca fechada. Entra o negro velho, andando pesadamente, com uma enxada ao ombro.

Ao lado, o "Sinhô", arrogante, chicote em punho).

SAMBA — "Terra Sêca" de Ari Barroso. As negras fazem o côro: *Trabala, negro.*

(Cortina)

VOVÓ: — Passaram-se muitos anos... Todos êsses homens que lá viviam, bons e maus, os que sempre existiram aqui...

NETA: — (atalhando-a)... De pele bronzada...

AVÓ: — ... Os invasores...

NETA: — ... De pele branca...

AVÓ: — ... E os que vieram por último... todos êles se misturaram, se confundiram e formaram uma nova raça. Todos, de algum modo, contribuíram para tornar grande e una a sua nação.

NETA: — Espere, Vovó! Isso não é história...

VOVÓ: — É, sim, querida. Mas, história verdadeira. Esse País...

NETA: — É o Brasil: (entusiasmada)

VOVÓ: — Sim, o Brasil, que vês aqui, surgindo altaneiro, entre seus irmãos da América do Sul.

(Abre-se a cortina. Novamente, o 1.º Quadro. O mapa do Brasil, desloca-se e no vão formado pelo seu contorno, surge um menino, que o representa, cantando outro trecho do Guarani).

CANTO

Do sol aos raios fúlgidos,
a um céu de puro anil,
erguendo o vulto atlético
num gesto varonil,
da América do Sul,
o filho mais gentil,
aqui se osenta intrépido:
o colossal Brasil!

(Permanece a cortina aberta)

AVÓ: — Como vês, filhinha, quase todos os brasileiros têm um pouco de sangue de índio, branco, ou negro, nas veias. Uns mais, outros menos... E não deves ficar triste, se

te chamam "mulata". De qualquer forma, é brasileira". também; e vales tanto quanto os outros irmãos, filhos dêste nosso querido País.

NETA: — Você tem razão. Vovó. Já não me importo que me chamem "mulata"...

VOVÓ: — E vê ainda: Além dêsses que citei, outros homens contri- buíram também para formar nossa nação. Procurando um lugar ideal para viver, aqui vieram homens de pele alva, corados e de olhos azuis e louros cabelos (*mostra a figura*) da longínqua terra dos moinhos, e da Alemanha.

(*Entram em cena dois casais de meninos, represen- tando holandeses e alemães. Dirigem, ao Brasil, uma saudação na sua língua, cuja tradução é: "Eu te saúdo, Brasil!"*)

Outros, também claros, mas de cabelos pretos, trazendo, às vêzes, o rosto coberto de sardas (*casal de italianos e saudação na língua italiana*).

E outros, ainda, completamente diferentes, de pele amarelada e engraçados olhos oblíquos (japoneses, da mesma forma).

Vê, filhinha: Todos êles aqui se reuniram e traba- lham, na mesma liberdade. Não importa o país de onde vêm todos, ou a côr de sua pele. Depressa, êles comecam a amar êste solo, e são brasileiros também!

E que belo é vê-los entoar, com o mesmo amor, o nosso vibrante Hino!

(*Todos cantam o Hino Nacional, em continência para o Brasil*).

(Cai o pano)

Frases: "Eu te saúdo Brasil".

Alemão: Ich grüsse dich, Brasil!
(Pronúncia) Irrh gréssa dirrh, Brasil.

Italiano: Io te saluto, Brasil!

Japonês: Watakuzi wá Brasil!
Ikoka my saikeiri o sassaguemaçu.

PSICOLOGIA APLICADA (*)

COMO AMANHECEM OS LIDERES

PROF. PIERRE WEIL

Fazer os filhos participarem ativamente da vida de grupos de crianças é algo que permite desenvolver muito as suas possibi- lidades futuras de ter êxito na vida.

As qualidades em grupo são numerosas e numerosos são também os tipos de grupos de crianças; existem grupos espon- tâneos, tais como os que se formam para brincar de bola de gude ou de boneca, ou ainda, para os jogos de recreio escolar; existem também grupos organizados, como clubes esportivos, os lobinhos, fadas e escoteiros.

Trabalhar ou brincar em grupo, desenvolve nas crianças várias qualidades:

1.º) A sociabilidade. Pelo fato de lidar com muitas crianças, diariamente ou com certa freqüência, ter relações com outrem torna-se hábito;

2.º) O contrôle sobre os instintos. A criança quando bate na outra recebe resposta igual e constata, aos poucos, que não está lucrando em brigar;

3.º) O desejo de se aperfeiçoar. A criança que faz parte de um grupo faz confronto entre si e os outros, passando a imitar as qualidades dos que têm êxito no grupo; é assim que, por exemplo, passam a querer ler os mesmos livros ou fazer os mesmos estudos;

4.º) O respeito às regras. Em qualquer grupo de crianças há quase sempre regras a serem seguidas; estas regras podem ser as do jôgo ou da própria organização do grupo, como é o caso da lei dos escoteiros; a criança se vê forçada a seguir as regras, pois sabe que se não o fizer será rejeitada pelo próprio grupo;

5.º) A arte de dirigir. Certas crianças mostram cedo o gôsto pela direção de grupos; quando integradas cedo num grupo, terão elas oportunidade de treinar cedo tais técnicas.

(*) Transcrição.

PSICOLOGIA APLICADA (*)

AMBIDEXTRISMO

PROF. PIERRE WEIL

"Professor, meu filho é canhoto, o que que devo fazer?" devo educá-lo com a direita, ou devo deixá-lo brincar e escrever com a esquerda?"

Esta pergunta é muito freqüente e há mesmo professores que têm, ainda, dúvida a respeito do assunto.

O canhotismo provém, na maioria das vezes, de uma inversão dos centros nervosos: normalmente o hemisfério esquerdo do cérebro comanda a mão direita com maior eficiência que o hemisfério direito que comanda a mão esquerda; no canhoto, se passa o contrário; foi demonstrado que se trata de uma constituição diferente que se encontra em aproximadamente trinta por cento de qualquer população humana; existem mesmo cachorros e macacos canhotos, o que demonstra que o canhotismo não provém da influência da educação, mas que é uma questão puramente fisiológica.

Existem também certos tipos de canhotos que se tornaram assim por terem o seu hemisfério esquerdo do cérebro atingido por uma doença; estes casos são mais raros.

Certos professores estão convencidos de que deve se aproveitar a oportunidade de uma criança ser canhota para torná-la tão eficiente da mão direita como da mão esquerda e fazer dela uma criança *ambidextra*; isto é um erro que pode levar a distúrbios sérios; é justamente nas crianças chamadas *ambidextras* que se encontra o maior número de crianças gagas, disléxicas (com distúrbio da leitura) ou com perturbações da conduta; na realidade a criança não é *ambidextra* para o mesmo movimento, mas é canhota para determinados atos e normal para outros; este

(*) Transcrição.

desequilíbrio nos atos é muitas vezes acompanhados dos distúrbios dos quais acabamos de falar.

Por estas razões, os psicólogos aconselham aos pais e educadores desenvolver francamente, um ou outro lado do corpo, evitando a chamada *ambidextra*; facilitar ao canhoto ser cada vez mais canhoto e ao que usa a mão direita, da mesma forma, deverá continuar à se aperfeiçoar cada vez mais.

Quando se tem dúvida se uma criança é canhota ou não, em virtude de estar utilizando alternativamente a direita ou a esquerda, então convém fazer um exame especializado, a fim de calcular o seu "coeficiente de lateralização". Só depois poder-se-á determinar qual o lado a ser desenvolvido.

ATIVIDADES VISANDO AO DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO E DEMAIS FUNÇÕES SUPERIORES

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO
E FISCALIZAÇÃO DO ENSINO

A educação é uma, quer para o normal, quer para o retardado; variam apenas a dosagem e o tempo.

Dosagem — Quanto maior o retardamento, mais dosadas devem ser as atividades: uma dificuldade de cada vez, com muitos exercícios.

Tempo — Quanto maior o retardamento, mais tempo será gasto para vencer cada dificuldade.

O primeiro passo de preparação para a aprendizagem é exercitar os órgãos receptores, com a finalidade de capacitá-los para sua função de captores daquilo que se quer ensinar. Desenvolvendo-se os centros sensoriais e as percepções sensoriais, está-se garantindo os alicerces para a construção de quaisquer tipos de aprendizagem.

Diz-nos Rouma: "Levar os sentidos a distinguir semelhanças e diferenças cada vez mais sutis é aperfeiçoar a inteligência, cujos julgamentos serão tanto mais perfeitos quanto mais precisos forem os elementos".

Considerando vocabulário e conhecimentos gerais, memória, noções numéricas, coordenação visomotora, raciocínio e julgamento moral como decorrentes do fenômeno da atenção em seus múltiplos aspectos, houvemos por bem assim agrupar as atividades que visam a desenvolvê-la:

1.º GRUPO: CONCENTRAÇÃO MOMENTÂNEA DA ATENÇÃO

A — Reação aos estímulos sensoriais:

1 — Reação simples:

a) Tátil — Exemplos:

- Individual: no momento em que sentir uma pressão na mão direita, o aluno deverá, com a esquerda, pressionar a mão do professor.

- Coletiva: o mesmo exercício, com uma roda de alunos, o professor iniciando e fechando a roda, marcando o tempo com um cronômetro.

Observar: tempo e maneira de reação; o exercício só será perfeito quando for rápido e provocar reação exclusivamente das mãos, o que muitos retardados não conseguirão ou conseguirão lenta e pensosamente.

b) Auditiva — Exemplos:

- Individual: o professor dirá 1 e o aluno responderá 2; o professor dirá 3 e o aluno responderá 4, e assim por diante.
- Coletiva: o mesmo exercício, com os alunos, um ao lado do outro, cada um dizendo o seu número na hora em que o colega da frente terminar de dizer o dele.

c) Visual — Exemplos:

- Individual: como no auditivo, substituindo o falar o número por mostrar um cartão com êle.
- Coletiva: idem com toda a classe.

- d) Mista: passar um objeto rapidamente, dizendo o seu nome (individual com o professor ou coletivo com a classe).

2 — Reação discriminativa:

a) Discriminar o estímulo:

- Tátil: individual: ser submetido ao contacto, na palma da mão, por diversos objetos (bolinha, ponta de lápis, borracha, etc.) e só levantar quando distinguir um determinado, por exemplo: ponta de lápis.
- Auditiva: individual ou coletiva: ouvir diversos ruídos (palmas, campainha, batida do lápis na mesa, etc.) e só senar quando distinguir um determinado, por exemplo: campainha.
- Visual: individual ou coletiva: ver diversos cartões coloridos (azul, vermelho, verde, etc.) e só cruzar os braços quando vir um determinado, por exemplo: vermelho.

b) *Discriminar o estímulo e a reação:*

- Tátil: idem, como acima, tendo que reagir a cada um com uma atitude determinada, exemplo:
 bolinha — levantar;
 lápis — levantar a outra mão;
 borracha — dizer o próprio nome.
- Auditiva: idem, como o do item *a*, tendo que reagir a cada um com uma atitude determinada, exemplo:
 palmas — levantar;
 campainha — cruzar os braços;
 lápis — levantar a mão.
- Visual: idem, como o do item *a*, tendo que reagir a cada um com uma atitude determinada, exemplo:
 azul — abrir o caderno;
 vermelho — cruzar os braços;
 verde — escrever seu nome;
 idem, com figuras geométricas, desenhos, etc.

B — *Esfôrço dinâmico:*1 — *De rapidez: execução rápida de qualquer tarefa:*

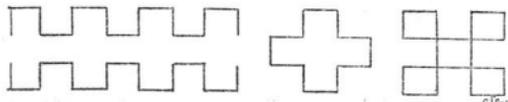
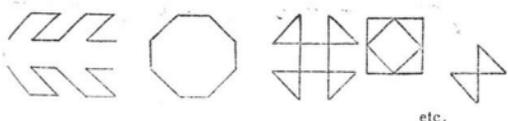
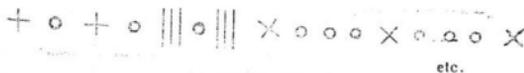
- a) Corrida: diversos tipos de corrida, com ordens intercaladas, como: no 1.º ponto: bater bola 3 vezes; 2.º, comer um doce, etc. (ginkana).
- b) Tapping: fazer pontos rapidamente numa folha de papel durante um tempo determinado (não exceder de 30 segundos no 1.º ano).
- c) Escrever palavras ou frases: marcar o tempo e verificar o número de vezes.
- d) Contagem silenciosa de objetos: quem conta mais depressa e certo? quanto tempo gasta?
- e) Articulação verbal rápida de palavras, números ou frases (idem).
- f) Distribuição e coleta de objetos, livros, cadernos, etc. (idem).

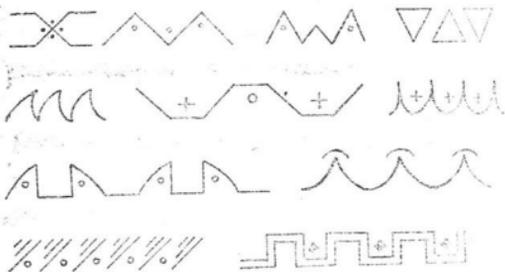
2 — *De força:* — Dinamômetro de Colin ou bola de borracha pequena para ser submetida à pressão da mão;

- espirômetro ou balão de borracha para soprar;
 — barra de ginástica (elevação do corpo com os braços).

C — *Coordenação visomotora:*

1 — *Traçado de linhas:* de início, principalmente para os mais retardados, usar o papel de jornal, sem pauta; a seguir, usar o caderno quadriculado ou, melhor ainda, folhas soltas quadriculadas. Usar lápis preto e de cor.

a) *Linhas simples em tôdas as posições:*b) *Linhas contornando o fundo:* horizontal e verticalmente:c) *Linhas baseando-se no fundo:* horizontal e verticalmente com introdução de inclinadas:d) *Composições simples de linhas:* unidades:e) *Composições compostas:* unidades:

f) *Todo o tipo de composição:*

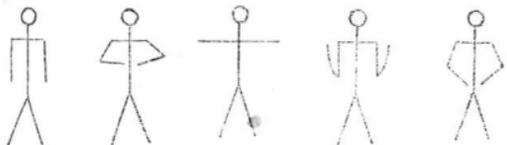
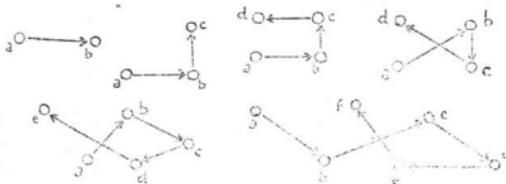
etc.

g) *Centração do ponto:* pontuar, bem no centro, os quadrículos; considerar a rapidez.

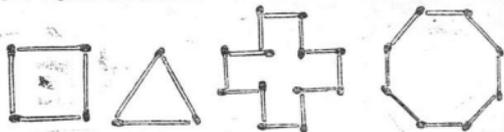
- 2 — *Cobertura de espaços:* apresentar figuras geométricas ou perfis de objetos e animais para serem coloridas, a uma só côr: começar com perfis grandes e ir diminuindo, à medida que a cobertura seja feita sem avanço da linha preta.
- 3 — *Recorte de figuras:* apresentar figuras de contorno bem firme para serem recortadas (revistas, gravuras, etc.).
- 4 — *Enfileiragem:* contas coloridas ou objetos regulares para serem enfiados numa certa ordem (apresentar modelos, desde os colares simples até os de contas de várias côres e tamanhos); começar com barbante, depois passar para o cordão e para a linha.
- 5 — *Empilhagem:* empilhar objetos regulares (caixas de fósforos, rólhas, etc.); verificar quantos objetos a criança consegue empilhar sem desmanchar a pilha.
- 6 — *Jogo dos palitos:* de um monte de varetinhas, retirar uma por uma, sem mover as outras.
- 7 — *Transporte de objetos:* transportar um copo cheio d'água numa bandeja, numa distância determinada (5 a 10m); medir a água entornada e o tempo gasto; idem: pilha de caixinhas, etc.

D — *Esforço estático:* (inibição)1 — *Silêncio e quietude:*

- a) *De pé:* alinhados em forma, em atitude de sentido, lábios cerrados naturalmente; marcar o tempo, exigir pouco das primeiras vêzes, ir aumentando gradualmente; observar os que não conseguem o tempo médio.
- b) *Sentado:* sentados, mãos cruzadas sobre a carteira, cabeça inclinada sobre os braços, lábios cerrados naturalmente.
NOTA — Nas provas a e b são naturais as "risadinhas abafadas" nas primeiras vêzes, fazendo parte da adaptação.
- c) *Estátua:* obedecer posições determinadas no decorrer de uma história e conservá-las até contra-ordem.

2 — *Ritmo:* marcha lenta com passos calmos; idem, dança.E — *Imitação:* (conformidade com o modelo dado)1 — *Ginástica:*2 — *Toques em objetos:* reprodução dos toques na mesma ordem:

3 — Figuras com fósforos: dar os modelos em linhas ou fósforos:



F — *Compreensão de ordens verbais:*

Começar individualmente; depois, em grupos de 2, 3, 4, etc., até coletivamente, com toda a classe. Começar dando só uma ordem; depois, duas e três; deverão ser executadas na mesma ordem seqüente em que forem dadas.

1 — *Tipo ginástica:*

- a) *Uma ordem:* levante os braços.
- b) *Doas ordens:* levante os braços, bata o pé esquerdo.
- c) *Três ordens:* levante os braços; bata o pé esquerdo; baixe a cabeça.
Etc.

2 — *Tipo dilado cromático* — Cartões coloridos:

- a) *Uma ordem:* ponha o cartão branco para a frente.
- b) *Doas ordens:* ponha o cartão branco para a frente e o azul à direita dele.
- c) *Três ordens:* ponha o cartão branco para a frente, o azul à direita do branco e o vermelho abaixo do azul.
Etc.

G — *Observação:* (tornar a criança atenta a diferenças e semelhanças):

1 — *Auditiva:*

a) *Discriminação de qualidade:*

- Ouvir, em silêncio, os ruídos de fora da sala (1 ou 2 minutos).
- Distinguir, pelo ruído, os objetos que o professor deixar cair sobre a mesa.

- Distinguir, pelo ruído, os objetos que o professor tocar com uma varinha.
- Distinguir, pelo ruído, a voz de um colega, o andar do professor, o bater da porta, etc.

b) *Discriminação da intensidade:*

- Distinguir, entre três palmas, qual a mais forte.
- Distinguir quantos colegas estão marchando, idem cantando.
- Distinguir, entre objetos caído, qual o mais pesado.

c) *Discriminação do tempo:*

- Distinguir, entre palavras faladas, qual a mais rápida; idem, sons, ruídos.

d) *Discriminação do ritmo:*

- Imitar ritmos produzidos: sino, tambor, pés, palmas, etc. (Começando de ritmos simples, ex.: duas batidas, ir aos mais complexos: sinais Morse, pequenos trechos musicais).

e) *Discriminação da posição:*

- Distinguir em que direção um colega caminhou e indicar com a mão.
- Ouvir um som e caminhar em direção a ele.
- Idem, avalianlo, pelo número de passos, a distância que o separava do som.

2 — *Visual:*

a) *Discriminação das formas:*

- Em uma folha com desenhos geométricos, marcar os idênticos com sinais iguais, usando sinais tais como uma cruz, um ponto, etc.).
- Imitar atitudes humanas apresentadas em cartazes ou no quadro negro (vide parte E).
- Tendo uma folha com a silhueta de um desenho qualquer e os pedaços coloridos desse desenho, colocá-los nos lugares adequados.

b) *Discriminação da grandeza:*

— Diante de um cartaz em que uma mesma forma esteja representada em três tamanhos, distinguir a maior, a menor, a média.

c) *Discriminação da cor:*

— Diante de um mostruário de cores (as sete fundamentais no princípio; depois as nuances, catalogar fitas, toquinhos, figuras, etc., que deverão coincidir com as cores do mostruário (têdolos de uma só cor lisa, variando dentre as que o mostruário apresentar).

— Jogo de quadrinhos: 14 pares de quadrinhos, cada par da mesma cor. Tendo os sete quadrinhos de cores diferentes, procurar o par de cada um e colocá-lo abaixo dele.

Idem, com objetos, cartões, outras figuras geométricas, etc.

d) *Discriminação da posição:* à esquerda, à direita, acima, abaixo, em frente, atrás, primeiro, último, etc.

e) *Discriminação do movimento:* subindo, descendo, andando, correndo, etc.

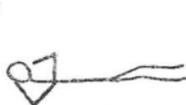
f) *Discriminação da expressão:* rindo, chorando, alegre, triste, cantando, etc.

g) *Discriminação da atitude:*

deitado

sentado

de pé



h) *Discriminação de semelhança:* (forma, cor, tamanho, posição).

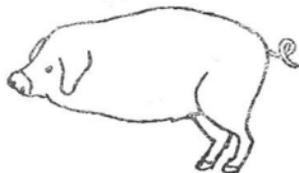


Qual dos gatinhos é igual ao que está ao lado?

— Fazer o mesmo com objetos, figuras geométricas, etc.

i) *Completação de figuras:*

— Desenhos de objetos, animais, pessoas, faltando um ou mais elementos:

j) *Discriminação de absurdos:*

— Em unidades: objetos, animais, pessoas, etc.



— Em composições: Uma paisagem campestre com um homem cortando árvore com um ancinho. Etc.

3. — *Estercoagnóstica:* tatear objetos para adivinhar quais são (forma, tamanho, consistência): ser mais exigente em detalhes, à medida que a criança for capaz.

2º GRUPO: ATENÇÃO RETROSPECTIVA OU MEMORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DAS LEMBRANÇAS: (*)

1. — *Palavras:* Falar, no mesmo ritmo e tom, 5 palavras de uma sílaba; marcar um intervalo de 10 segundos e mandar a criança reproduzi-las (na mesma ordem). Graduar, aumentando o número de sílabas: 5 palavras de 2 sílabas, de 3, de 4, etc.; idem: 6 palavras de 1 sílaba, 7 palavras de 1 sílaba, etc.

- 2 — *Algarismos*: idem; começar com dois algarismos.
- 3 — *Frases*: idem; começar com frases de 3, 4 ou 5 sílabas.
- 4 — *Visualização*: (reprodução integral).
Mostrar um objeto (ou um desenho d'ele) durante alguns segundos, retirá-lo do campo de visão, esperar 10 segundos e mandar reproduzi-lo ou descrevê-lo.
- 5 — *Reprodução de movimentos*: Movimentos do tipo da parte "Imitação", mas com o intervalo obrigatório mínimo de 10 segundos antes da reprodução.
- 6 — *Reprodução de atitudes*: idem.
- 7 — *Reprodução de trechos*:
- Em prosa*: começar com trechos que encerrem 2 ou 3 fatos.
 - Em verso*: começar com quadrinhas com o menor número de sílabas possível.
- 8 — *Memória de objetos*:
- Mostrados sucessivamente*: começar com três e quatro objetos.
 - Mostrados ao mesmo tempo*: idem.
- 9 — *Memória de posição*:
- Mostrar 3 ou 4 objetos sôbre a mesa durante alguns segundos; sem que a criança veja, mudar a posição dos objetos; mandar que ela indique as mudanças ou reponha os objetos na posição primitiva.
 - Fazer o mesmo com desenhos em tôdas as posições.

(*) NOTA: O que caracteriza as atividades de memória é um mínimo de 10 segundos entre o término da exposição da atividade e a reprodução dela. Esse intervalo deverá ser aumentado cada vez mais no correr dos exercícios de cada atividade, chegando-se a intercalar outras atividades (de tipo "concentração momentânea da atenção") entre o momento da apresentação da atividade para memorização e a reprodução dela, chegando-se mesmo ao intervalo de 24 horas, ou seja à reprodução no dia seguinte, e mais.

3.º GRUPO: APLICAÇÃO DA ATENÇÃO NA SOLUÇÃO DE SITUAÇÕES PROBLEMÁTICAS (**)

A — *Imaginação*:

- 1 — *Reprodutiva*;
- 2 — *Construtiva, criadora*.

B — *Inteligência*:

- 1 — *Concreta*.
- 2 — *Abstrata*.

C — *Raciocínio*.

(**) NOTA: O 3.º Grupo constituirá assunto de outro trabalho.

E DIZEM QUE ISSO É ENSINO ...

O Doutor Kenneth B. M. Crooks, professor de Zoologia de um colégio da Geórgia, declarou na reunião da Associação Norte-Americana do Progresso da Ciência "que os colegiais norte-americanos não sabem ler nem escrever e não compreendem mesmo tudo quanto deveriam".

Declarou em substância o Dr. Crooks: "Pesquisas que duraram 26 anos provaram que esses colegiais não sabem mesmo soletrar". E citou as razões básicas dessas insuficiências:

- 1) as crianças não fazem bastante exercícios de ortografia de escrita nas escolas primárias e secundárias;
- 2) gostam muito de *slogans*;
- 3) os cartazes públicos e os avisos oficiais são escritos incorretamente;
- 4) parece que a preguiça e a indolência reinam em "nossas classes que se assemelham a circos";
- 5) é atribuída muita importância à leitura e não se atribui bastante importância à ortografia;
- 6) são muito utilizados os meios auditivo-visuais (cinema, rádio, televisão);
- 7) faz-se muita trapaça nas aulas;
- 8) muitos professores são mal pagos e não têm a "instrução desejada";
- 9) não se gosta mais de escrever cartas.

E concluiu o Dr. Crooks: "Eis porque, na época em que temos necessidade de cientistas, muitos colegiais incapazes de ler, escrever ou soletrar, evitam dedicar-se às ciências".

Quanto ao Brasil, pode ser acrescentado: — Há horror ao livro e só interessam as histórias em quadrinhos. Dos jornais só é lido o noticiário sobre futebol.

REALIZAÇÕES ESCOLARES

UMA EXPERIÊNCIA COM O MÉTODO DE PROJETOS

No número das realizações que dão vida, entusiasmo e tornam eficiente a aprendizagem nos estabelecimentos de ensino, ocupa lugar de destaque o Método de Projetos.

É verdade que há, também, um lado perigoso nesse recurso: — a escolha e a articulação dos motivos.

Sim, porque pode acontecer que o processo demande uma rede tão complexa de relações que vá colhêr questões ou assuntos desconhecidos, quer dos alunos, quer das professoras, — embora de entrosagem obrigatória na boa realização do projeto.

A simplicidade e a oportunidade devem ser as matrizes naturais do Método de Projetos e é por isso que convém seja aqui focalizada a experiência realizada no Grupo Escolar "Delfim Moreira", da cidade de Araxá, dirigido pela professora Agar de Afonseca.

A colaboração inteligente, harmônica e interessada de todo o corpo docente deu vida à iniciativa e fez com que o corpo discente entrasse em trabalho interessado e entusiasmado em torno de um projeto mais que oportuno e de fundo verdadeiramente educativo: — o aparelhamento das salas de aulas sob o ponto de vista ornamental, através de um esforço conjugado e amplo a que se denominou: — "Projeto das Cortinas".

A infância e a mocidade deve ser incutida também, a oportunidade: tratava-se do quadragésimo quinto aniversário do grupo e o modo como a data foi ali comemorada envolveu um sem número de considerações cada qual mais elogiável.

Uma delas deve ser desaiada pela lição salutar que encerra habituando a infância a não esperar passivamente que se lhe dê tudo, sob a alegação comum de que tudo o que se relaciona com o bem-estar do povo é obrigação do poder público.

À infância e à mocidade deve ser inculcada também a noção de que, nas democracias, todo o mundo é poder público porque se é o senso de patriotismo o que faz os governos, toda pessoa grande ou pequena, que aprende o que é pátria, deve saber, também, todos os seus deveres para com os seus concidadãos — e um desses deveres, sem dúvida o mais imperioso, é o da colaboração.

A direção do "Delfim Moreira" poderia seguir a velha e pernicioso rotina de apelar para o poder público estadual ou municipal para melhorar a apresentação do educandário, no memorável dia em que êle completava quase meio século na sua missão de farol batido por ventos, ondas e tempestades cujo impeto desorientador só pode ser conhecido e sentido pelos humildes encarregados de conservar acesas e visíveis as lanternas amigas da sua torre vigilante e norteadora...

Ensinar a ter a sensação de ser útil, de ser independente, de não pedir, de ajudar a fazer, de ter alegria, entusiasmo, ardor, vibração, gosto estético, tropismo artístico, sensibilidade para receber o espírito de gratidão e de amor pelas cousas sagradas e venerandas, como os templos da religião ou do saber, — eis um gesto sublime, elevado, respeitável e recomendável que caracteriza e sublima a personalidade do mestre.

Foi isso o que ali se fez e o que ficou registrado da boa vontade e do esforço de todos que colaboraram no projeto das cortinas, ecoa, sem dúvida, no âmbito das boas realizações educativas, como uma genuína lição de pedagogia viva e aplicada.

A iniciativa teve força contagiante.

Seria difícil relatar, com minúcia, os passos sob que se desenvolveu o plano geral do "Projeto das Cortinas".

Mas aqui vão o esboço metodológico do mesmo e a transcrição de algumas cartas e relatórios que fizeram parte do entrosamento do mesmo e que permitem avaliar a marcha do ensino; na sua feição objetiva, num dos bons educandários da bela e famosa cidade do Araxá.

PLANO GERAL DO «PROJETO DAS CORTINAS»

(Classes de 3.ª e 4.ª série)

OBJETIVO: Substituir as cortinas velhas por novas para o dia do aniversário do Grupo.

MOTIVAÇÃO: Necessidade de melhorar o aspecto do Grupo e de suas salas para o dia 28 de setembro.

DESENVOLVIMENTO:

1.º passo: Lançamento do problema: Como vamos fazer para melhorar o aspecto da nossa sala de aula? Discussão do assunto, conduzido com habilidade, de modo a ficar assentado que as janelas serão encortinadas e os vidros que faltam colocados.

Lingua Pátria: Carta à Diretora comunicando-lhe esse propósito e pedindo-lhe permissão para executá-lo.

(Carta coletiva, cada aluno fornecendo uma sentença, ou individual para escolher a melhor).

2.º passo: a) Comunicação à classe da resposta da diretora.

b) Problema — Material a empregar nas cortinas: Qual o pano mais apropriado?

Deixar que os alunos discutam o problema. A professora, discretamente orienta os alunos, apresentando, também, seu ponto de vista e justificando-o.

c) Escolha de uma comissão para colher amostras em diversas casas comerciais, informando-se da largura e do preço do metro.

3.º passo: Medida das janelas para cálculo do n.º de metros necessários.

(Aguardar as amostras para a escolha do pano mais adequado).

Medida dos caixilhos para compra dos vidros que faltam.

Nomear uma comissão para indagar o preço do vidro, de acordo com as medidas tomadas.

4.º passo: Como arranjar o dinheiro necessário à compra de pano escolhido?

Cartas aos alunos do 2.º turno e aos alunos da Escola de Comércio, pedindo a sua colaboração.

Enviar uma comissão a algum vidraceiro conhecido para pedir-lhe seu auxílio na colocação dos vidros — verificar se nas classes de 4.ª série há algum menino capaz de fazê-lo.

5.º passo: Quem vai fazer as cortinas? Serão feitas à mão ou à máquina?

Pedir o concurso da professora de trabalhos. Escolha do modelo.

- 6.º passo: Confeção das cortinas e sua colocação nas janelas.
- 7.º passo: Organização do auditório para inauguração das cortinas.
- 8.º passo: Realização do auditório.

MATÉRIAS E ASSUNTOS QUE FORAM APRESENTADOS AO PROJETO

- LINGUA PATRIA** — CARTAS: À diretora — Aos alunos do 2.º turno — Aos alunos da Escola de Comércio, ao Sr. Prefeito Municipal. Convite para os auditórios. Composições: Temas variados em torno do projeto. Versos feitos para o auditório. Relatório. Aula de correção de erros tirados das composições.
- ARITMÉTICA** — Desenvolvimento das medidas métricas — Problemas reais com o metro-decmetro e centímetro. Problemas sobre as 4 operações. Foi muito empregado o quilo e meio quilo, gramas, devido a massa. As expressões desconto, abatimento, diferença ficaram bem familiarizadas.
- CIÊNCIAS** — A luz solar — Efeitos da luz na visão — Perigos das salas escuras e demasiadamente claras. Matéria-prima empregada nas cortinas, nos vidros, nos pregos, etc.
- GEOGRAFIA
E
HISTÓRIA** — Situação das casas comerciais, onde foram adquiridos vidros e cortinas. Nome das ruas. — A razão desses nomes. Procedência e Origem dos tecidos. Indústria dos tecidos em Minas e no Brasil. Localização das principais Indústrias têxteis. Comércio — Importação ou Exportação. Indústria de vidros.

Matéria-prima empregada. Diversos tipos de vidro.
Localização das fábricas.

NOTA — Além dos ensinamentos através das matérias e da observação, os alunos desenvolveram muito o espírito de iniciativa, e a colaboração. Foi muito bonito o espírito de cooperação para que nenhuma classe ficasse sem alcançar o seu objetivo. Alunos da 4.ª série aprenderam a colocar vidros para auxiliar as classes mais pobres, com seus trabalhos.

A alegria maior do dia 28 de setembro foi o sentir, que apesar de todos os obstáculos, o grande objetivo foi alcançado.

REALIZAÇÕES

Tôdas as etapas do projeto foram executadas, envolvendo as diversas disciplinas.

O projeto despertou grande interesse entre professores e alunos.

A importância arrecadada pelos alunos foi de Cr\$ 11.000,00.

Auditórios: — Houve auditório nas classes do 1.º turno, para inauguração das cortinas, vidros e caiação.

No dia 28 de setembro houve auditório geral em cada turno festejando-se o 45.º aniversário de fundação do Grupo.

Material adquirido pelos alunos: — 2 caixilhos novos para as janelas da frente.

194 vidros de 0,40m x 0,30m, colocados.

200 metros de fazenda para cortinas.

Oferta da Escola de Comércio: Caiação de 15 salas e da parte interna do Estabelecimento.

RELATÓRIO DO «PROJETO» DAS CORTINAS

No dia 23 de agosto de 1956 na classe do 3.º ano En¹ da Professora Graecielle Montandon Afonso teve lugar a primeira aula do «PROJETO DAS CORTINAS». Com a presença da praticante do 3.º ano de formação Olenka de Castro, foi motivada a primeira aula.

Objetivo: Trocar as cortinas velhas, por novas para o dia do aniversário do Grupo.

Motivação: Melhorar o aspecto do Grupo e de suas salas para o dia 28 de setembro.

Matérias que contribuíram para o desenvolvimento do projeto:

Língua Pátria — Escrevemos cartas a D. Agar, ao Sr. Edgar Maneira, Diretor da Escola de Comércio e Dona Celuta Cruz, regente da mesma classe no 2.º turno. Fizemos ainda composições com os seguintes títulos: "Descrição da minha sala de aula", "Como quero minha sala de aula", "Saudação à diretora pelo quadragésimo quinto aniversário do grupo e oferta das cortinas".

Houve aula de correção dos erros cometidos nas composições e ainda aproveitamos o assunto para fazer sentenças para exercício de gramática funcional. Exemplo: "O crotone estampado das cortinas de nossa classe formam galhos de flores". "A bonita fazenda da aula de D. Gracinda custou mais caro, porque é de duas larguras".

Leitura — Das melhores composições pelos próprios alunos.

Aritmética — Grande atividade nesta matéria. Indagações em diversas casas comerciais da cidade sobre preços e metragem das fazendas. Problemas escritos e cálculos mentais entrando o metro aliado às quatro operações. Problemas formulados pelos alunos das despesas:

- 1.º) A aula de D. Celuta recolheu em sua classe Cr\$ 600,00 para a compra das cortinas e vidros e a nossa classe Cr\$ 400,00. Qual foi a renda das duas classes?
- 2.º) Gastamos desse dinheiro Cr\$ 530,00 para o pano das cortinas, Cr \$150,00 para os vidros e Cr\$ 75,00 de mão-de-obra. Quanto sobrou do dinheiro.

Geografia e História — Casas comerciais de Araxá. Situação e nome das ruas — Razão dos nomes. Ficamos sabendo por uma aluna que a Casa Serrana tomou este nome porque a primeira casa instalada foi em uma serra perto de Itaipu. *Tecidos*. Indústria do Algodão. Razão do elevado preço das fazendas. Falta de transporte e fábricas. Estados importadores da indústria do algodão para Araxá. O mesmo estudo aplicamos à indústria do vidro.

Desenho — Da sala de aula, da frente do grupo, da flor do algodão, formas geométricas aplicadas para os forros da mesa, armário, etc.

Higiene — Cooperar para a limpeza do prédio e salas de aula.

Atividades — Vendas de frutas, bôlos, etc. Limpeza da sala e vidros. Confeção das Cortinas. Houve colaboração de todos os alunos. Salientamos aqui o nome da aluna Maria Odete

Cearance, que durante uma semana trouxe frutas e vendeu para as colegas em benefício da renda.

Auditório — Entrega das cortinas à diretora.

Junto ao relatório da professora, seguem-se os trabalhos feitos pelos alunos durante o mês do projeto.

Araxá, 28 de setembro de 1956. — Grupo Escolar "Delim Moreira" — Professora Graciete Montandon Afonso.

RELATÓRIO SOBRE O PROJETO DE MELHORAR A NOSSA SALA DE AULA PARA O DIA DO ANIVERSÁRIO DO GRUPO

Conversando com nossa professora sobre o nosso Grupo, lembramo-nos também que no dia 28 deste é o seu aniversário. Pensamos em preparar nossa sala de aula para este dia. Resolvemos então trocar os vidros quebrados, as cortinas, pintar o ferro e as paredes. Escrevemos uma cartinha à nossa Diretora D. Agar, pedindo o seu consentimento; ela nos respondeu, dando-nos o seu apoio.

Fizemos o orçamento e vendo que tudo ficaria muito caro, resolvemos então trocar os vidros e cortinas somente.

Escrevemos aos alunos da Escola de Comércio e aos alunos de D. Edsonina, que também estudam em nossa aula, pedindo a sua colaboração. Eles responderam que nos ajudariam. A Escola de Comércio incumbiu-se de pintar as paredes. Ficamos contentes; escrevemos uma carta à D. Walfia pedindo algumas amostras de pano para as cortinas; ela nos trouxe várias amostrinhas. Não ficamos com nenhum dos tecidos. Algumas colegas vendo que o Matarazzo nos faria mais barato, compraram já vinte metros de pano de algodão por Cr\$ 650,00. Este tecido foi fabricado em São Paulo. Depois então compramos os vidros que ficaram em Cr\$ 297,00 e pagamos ao vidraceiro, Cr\$ 10,60 para colocar cada vidro. Para adquirirmos o dinheiro para as compras fizemos a rifa de uma bola que custou Cr\$ 200,00, a qual rendeu: Cr\$ 1.065,00 Fizemos uma vendinha, que rendeu mais ou menos Cr\$300,00.

Vários alunos fizeram particularmente rifas entre eles que renderam mais ou menos uns Cr\$ 200,00. Em aula de aritmética resolvemos todos os problemas sobre o preço do tecido, descontos

que teríamos, números de metros necessários, vidros, mãos-de-obra, etc. Em aula de Língua Pátria escrevemos diversas cartas, descrevemos nossa sala, antes e depois de ornamentada, organizamos todos os números do auditório que pretendíamos fazer, quando inaugurasse as cortinas; fizemos cartões de convites para o mesmo. Em aula de Ciência, falamos sobre a fabricação do vidro. Sobre a vantagem das cortinas, nos abrigando dos raios solares que tanto nos incomodam na sala, etc. Em aula de Geografia vimos a procedência do tecido de algodão que empregamos na confecção das cortinas, indústria têxtil no Brasil, Cidades industriais. Em aula de desenho, preparamos os programas com paisagens, flores, etc. Estando a sala de aula como queríamos, isto é, pintada, com vidraças e vidros novos, lembramo-nos do passeio na porta do estabelecimento, que também precisava ser consertado. Escrevemos uma carta ao Chefe do Executivo, pedindo a auxilia da Prefeitura para esse serviço. Depois de vários dias, ele nos respondeu dizendo que nos daria a mão-de-obra. Como não tinhamos verba para a compra dos ladrilhos, desistimos. Hoje vamos inaugurar as cortinas. A sala está muito bonita, com roupagem nova, jarras de flores, nas mesas, cadeiras espalhadas e todos, professoras e colegas, muito contentes esperando os convidados para o auditório festivo.

No dia 28, data de aniversário do nosso Grupo, ele estará muito bonito e alegre com sua roupagem nova.

Trabalho e colaboração da aluna Carmen Helena — 4.º ano de D. Olyntha de Castro.

RELATÓRIO DO «PROJETO DAS CORTINAS» REALIZADO NA CLASSE 28

Como nas demais classes, foi realizado na 28, com grande entusiasmo, o "Projeto das Cortinas".

Todos os alunos muito trabalharam: uns mais, outros menos, tudo na medida de suas forças.

Vários alunos concorreram com a importância que podiam; outros movimentaram-se com rifas, vendinhas, trazendo eles mesmos as prendas a serem vendidas.

Com esse movimento e reunido a cooperação dos alunos do 2.º turno, da mesma sala, apuramos a quantia de novecentos e oitenta cruzeiros (980,00).

Com essa importância compramos o seguinte:

20m de um pano próprio para a confecção das cortinas.

8 vidros foram colocados nas janelas.

Para esse trabalho contamos com o valioso serviço dos seguintes alunos:

Olavo Scarpellini — Paulo Batista de Oliveira — Ângelo Stefani — Lázaro Mota Sobrinho — Pedro Joaquim Ferreira e Gilson Teixeira Vale.

Para fazer as cortinas, as seguintes alunas:

Rosélia de Oliveira — Maria Celeste Alves — Stela Mâris Neves — Teresinha Nölli — Natalina Nölli e Alice Regina Melo.

A limpeza das paredes devemos à "Escola de Comércio" que gentilmente se ofereceu para fazê-la.

Finalmente foi marcado o dia 26 de setembro para o nosso auditório de classe. Neste dia seria a inauguração das cortinas.

Com grande satisfação de todos nós o auditório foi realizado com a presença de D. Leonilda S. Montandon, Nossa Diretora, não podendo comparecer, fez-se representar na pessoa de D. Gelza de Melo Franco, Professora de Educação Física, D. Ione Franco, duas alunas-mestras do Colégio São Domingos e vários alunos do 2.º turno.

Este auditório constou de poucos números, simples, mas bem significativos.

O Programa anexo explicará melhor os números de nosso auditório.

As quadrinhas que seguem foram feitas pelos próprios alunos que tiveram oportunidade de mostrar a sua tendência artística.

Assim ficou terminado este grande movimento, aproveitando a classe um ambiente mais agradável para seu estudo.

Araxá, 6 de outubro de 1956. —
Professora Lígia Vale.

Estes dados são publicados na sua realidade para que fique patente o que se está realizando no ensino primário do nosso Estado.

Como se assinalou, já, seria muito difícil a publicação de todas as peças que formam a integral do desenvolvimento do projeto e isso não importará, sem dúvida, em subestima de qualquer delas.

Todas são de inestimável valor pelo que objetiveram e pelo que conseguiram — porque todas representam esforço boa-vontade, entusiasmo e empenho comum na conquista do objetivo comum de educar elevando o espírito da nossa infância a um alto e nobre nível de trabalho e compreensão da vida e dos seus problemas.